

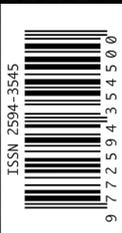


EDIÇÃO ESPECIAL

500 anos da Reforma Protestante: o legado no Brasil

Coletânea de reflexões sobre contribuições, desdobramentos e implicações do movimento que transformou a história da Igreja

- ✓ **Contexto religioso e cultural da Reforma**
Rev. Reginaldo von Zuben
- ✓ **A Reforma e a Bíblia**
Rev. Assir Pereira
- ✓ **A Reforma e a música Sacra**
Rev. João Wilson Faustini
- ✓ **A Reforma, a cultura e a modernidade**
Dr. Eduardo Chaves
- ✓ **A Reforma e o Estado**
Rev. Áureo Rodrigues de Oliveira
- ✓ **Ecos da Reforma para a juventude hoje**
Rev. Wesley Kendrick Silva
- ✓ **João Calvino e o movimento missionário**
Rev. Dr. Timóteo Carriker
- ✓ **A Reforma e a mulher**
Reva. Dra. Sherron Kay George
- ✓ **Identidade reformada**
Rev. Abival Pires da Silveira e Rev. Dr. Antonio Gouvêa Mendonça (*in memoriam*)
- ✓ **Como a Reforma chegou ao Brasil**
Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos
- ✓ **O espírito reformador dos reformados**
Rev. Dr. Ricardo Bitun
- ✓ **O significado atual da Reforma na Igreja Luterana da Alemanha**
Rev. Dioraci Machado Filho
- ✓ **A Reforma e a Ética segundo Max Weber**
Rev. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira





Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.

SER DIFERENTE SER VOLUNTÁRIO E SOLIDÁRIO

ESTA É UMA GRANDE
OPORTUNIDADE
PARA VOCÊ EXERCITAR
AÇÕES DE SOLIDARIEDADE
E CIDADANIA

SEJA UM DOS NOSSOS VOLUNTÁRIOS:
maryspeers@maryspeers.com.br
11 3125-2586

site: maryspeers.org.br



O LEGADO SOMOS NÓS

Mais de 2.000 anos separam a vinda de Cristo à Terra de nós. Para cristãos e não cristãos, foi o nascimento do Filho o principal marco da história da humanidade. A partir daí, houve o antes e o depois. Esta edição especial da **Visão** é alusiva a outro grande divisor de águas: a Reforma luterana, de 1517. Ao redor do planeta, muitas são as manifestações que remetem ao evento.

No Brasil, as consequências da Reforma são notórias, mas tardaram a chegar. Até 1889, vivia-se em uma monarquia e, com ela, em um Estado religioso, católico romano. Em todo o país, era proibido confessar outro credo. Esse aspecto se reflete até hoje, principalmente na arquitetura dos templos de igrejas reformadas, que pouco remete à estética religiosa tradicional, comum em nações jovens como Estados Unidos e Canadá (já colonizados por grupos de protestantes).

Lutero jamais idealizou a cisão da Igreja. O reformador, ao contrário, questionou a Santa Igreja ao detectar o desvio dos princípios dela própria em relação às Escrituras. Sob esse aspec-

to, pode-se dizer que o questionamento foi a base da Reforma e a liberdade de questionar, um de seus principais legados. Nos dias de hoje e para quem vive em países livres como o nosso, parece inaceitável ainda existir lugares onde não se pode questionar os princípios das mais diversas ideologias e credos. A Reforma, acima de tudo, deixou como marca a reflexão sobre a fé.

Nós, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, somos legado no Brasil da Reforma. Nascermos da inquietude reformista do Rev. Eduardo Carlos Pereira e de seus amigos. E seguimos questionando, atualizando, e a nós mesmos reformando. Tudo isso sem perder a raiz de nossas origens, a fé em Jesus Cristo, que nos concede salvação pela graça.

Nas próximas páginas estão dispostas reflexões sobre o precioso legado da Reforma no Brasil. Reunimos teólogos e pensadores de diversas partes para este exercício conjunto, compartilhado aqui.

Aos nossos apoiadores, agradecemos a confiança em nossa publicação. Sem vocês, este projeto não teria sido viabilizado. Obrigado!



ALLISON DE CARVALHO

REV. VALDINEI APARECIDO FERREIRA
Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

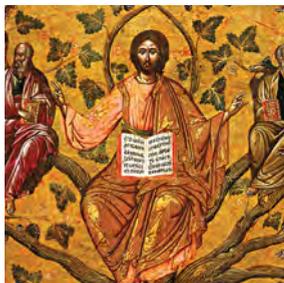
“Nós, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, somos legado no Brasil da Reforma. Nascermos da inquietude reformista do Rev. Eduardo Carlos Pereira e de seus amigos. E seguimos questionando, atualizando, e a nós mesmos reformando.”

Rev. Valdinei Aparecido Ferreira

32



14



64

Contexto religioso e cultural da Reforma	6
Rev. Reginaldo von Zuben	
A Reforma e a Bíblia	10
Rev. Assir Pereira	
A Reforma e a música sacra	14
Rev. João Wilson Faustini	
A Reforma, a cultura e a modernidade	22
Dr. Eduardo Chaves	
A Reforma e o Estado	26
Rev. Áureo Rodrigues de Oliveira	
Ecos da Reforma para a juventude hoje	32
Rev. Wesley Kendrick Silva	
João Calvino e o movimento missionário	36
Rev. Dr. Timóteo Carriker	
A Reforma e a mulher	38
Reva. Dra. Sherron Kay George	
Identidade reformada	40
Rev. Abival Pires da Silveira e Rev. Dr. Antonio Gouvêa Mendonça (<i>in memoriam</i>)	
Como a Reforma chegou ao Brasil	50
Rev. Dr. Leonildo Silveira Campos	
O espírito reformador dos reformados	54
Rev. Dr. Ricardo Bitun	
O significado atual da Reforma na Igreja Luterana da Alemanha	62
Rev. Dioraci Vieira Machado Filho	
A Reforma e a Ética segundo Max Weber	64
Rev. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira	



FOTODE CAPA: VITRAL DA IGREJA LUTERANA DE ST. MATTHEW, NA CAROLINA DO SUL, ESTADOS UNIDOS

EXPEDIENTE

VISÃO é uma publicação quadrimestral da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

CONSELHO EDITORIAL

Rev. Valdinei Aparecido Ferreira,
Rev. Roberto Mauro de Souza e Castro,
Rev. Reginaldo von Zuben,
Presb. Italo Francisco Curcio,
Presb. Dorothy Maia

PRODUÇÃO EDITORIAL

Magu Comunicação

MAGU

PUBLISHER

Marília Muylaert

EDITOR Gustavo Curcio MTB 0076428/SP

REDAÇÃO:

Allaf Barros (texto); Amanda Favalli e Nikolas Suguiyama (arte);
Rosana Tanus (revisão)

11 2925 2901

contato@magucomunicacao.com

Impressão: Melting Color

Tiragem: 3.000 exemplares

Se você tem críticas e/ou sugestões,
envie um e-mail para comunicacao@catedralonline.com.br

CATEDRAL EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

Rua Nestor Pestana, 152, Consolação
— São Paulo | SP 01303-010 |
BRASIL | Tel.: 00 55 11 3138.1600

ISSN 2594-3545



www.catedralonline.com.br



VIVA ESSA
EXPERIÊNCIA
AGORA

ENGENHARIAS e ARQUITETURA

ENSINO HÍBRIDO

Reinventamos
o ensino para você
transformar o mundo.

Uma metodologia inovadora que reúne técnicas pedagógicas presenciais e a distância. Prepare-se para ser o profissional que o mercado precisa.

**VESTIBULAR
2018** Arquitetura e Urbanismo
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Mecânica
Engenharia Mecatrônica
Engenharia de Produção

unicesumar.edu.br/hibrido

Parcerias

Google
for Education



Unicesumar
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA | HÍBRIDO

CONTEXTO RELIGIOSO E CULTURAL DA REFORMA PROTESTANTE

O contexto em que se deu a Reforma Protestante no século XVI pode ser compreendido como *kairótico*. *Kairós* significa “momento certo”, “tempo oportuno”, isto é, momento ideal para a realização de algo ou favorável para determinados acontecimentos. Na teologia cristã, *kairós* é compreendido como o tempo de Deus, como a ação de Deus na história. E *kairós* difere do significado de tempo cronológico. Na verdade, quando o *chronos* é tomado pelo *kairós*, o plano divino se torna realidade. Neste sentido, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus é o *kairós* central da fé cristã. É deste modo que a Reforma Protestante também pode ser compreendida, tanto em termos religiosos quanto culturais.

Concomitante à Reforma Protestante, está em curso no contexto europeu o movimento denominado Renascença, iniciado no século XV. Ambos então interligados e se caracterizam por intensos conflitos em diversas áreas da vida humana. Trata-se de um período religioso e cultural marcado por dúvidas e

inovações entre as certezas frágeis do mundo medieval e as novas certezas que iriam configurar o mundo moderno. É o início daquilo que resultará em profundas transformações no âmbito científico, social, político, econômico e religioso da época.

Em termos históricos e culturais, o século XVI é

REV. REGINALDO VON ZUBEN

Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Antonio de Godoy Sobrinho (1997) e validação do diploma na Faculdade Teológica Sul Americana (2009), tem licenciatura em filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (1998), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (2010) e pós-graduação *lato sensu* em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário de Maringá. Atualmente é docente da Faculdade de Teologia de São Paulo, com atuação em Teologia Sistemática, Metodologia Científica e História do Pensamento Cristão.

KAIRÓS Na mitologia grega, o deus do tempo oportuno. Obra de Francesco d’Rossi (1510-1563), de 1552 (foto à direita)

Na verdade, quando o *chronos* é tomado pelo *kairós*, o plano divino se torna realidade. Neste sentido, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus é o *kairós* central da fé cristã.



marcado pelo crescimento populacional; pelo aumento da produtividade agrícola e intensificação do comércio entre Ocidente e Oriente; pela ascensão da burguesia e transição para uma economia monetária. O individualismo começa a ser valorizado em detrimento do coletivismo. A razão começa a se sobrepor ao misticismo, à fantasia e ao sobrenatural. A ciência promove perspectivas que abalam as verdades dadas pela Igreja. E descobre-se novas terras e novos povos, fazendo-se necessário pensar o sentido do mundo. Diante disso tudo, surge uma nova concepção de tempo e de espaço: o tempo pertence ao ser humano, que deve utilizá-lo em benefício próprio; a Europa não é mais o centro da Terra, e a Terra não é mais o centro do universo, ou seja, é preciso repensar o lugar e o sentido do mundo. Portanto, começa a se formular uma nova concepção da história e, conseqüentemente, do ser humano no mundo. Conceitos como liberdade, igualdade, individualismo, nacionalismo e democracia são germinados e, de certa forma, apoiados pela Renascença e pela Reforma Protestante.

Especificamente em termos religiosos, com a atitude de pregar 95 teses na porta da Capela de Wittenberg, Lutero tornou-se a referência principal do movimento de protesto contra a Igreja Romana, protesto que já ocorria nos séculos anteriores por parte de vários pregadores. Lutero ficou indignado com as práticas abusivas decorrentes da pregação em relação às indulgências, penitên-

cias e purgatório, bem como com a legitimação das instâncias e da autoridade papal. Além disso, vivia perturbado e angustiado por não se sentir justo o suficiente diante de Deus e, por ser assim, nem sentir-se merecedor da condenação divina.

É na superação da angústia de Lutero que temos a mensagem principal da Reforma Protestante, que consiste na salvação pela graça mediante a fé na obra de Cristo Jesus e na autoridade suprema das Escrituras. Com a leitura da *Carta de Paulo aos Romanos*, principalmente o capítulo 3, Lutero encontrou paz em

seu coração por compreender que o único modo de o ser humano ser considerado justo e salvo se dá mediante ação graciosa de Deus em Cristo Jesus. Isso só pode ser aceito pela fé e não por qualquer mérito humano. Segundo Lutero, essa é a mensagem central das Escrituras, a qual está acima de qualquer boa obra, autoridade e concílio da Igreja.

Celebremos os 500 anos da Reforma Protestante com gratidão a Deus, com o desejo de reforçar nossa fé e identidade confessional e com o propósito de torná-la mais conhecida. ■

É na superação da angústia de Lutero que temos a mensagem principal da Reforma Protestante, que consiste na salvação pela graça mediante a fé na obra de Cristo Jesus e na autoridade suprema das Escrituras. Celebremos os 500 anos da Reforma Protestante com gratidão a Deus, com o desejo de reforçar nossa fé e identidade confessional e com o propósito de torná-la mais conhecida.



Fundação
Eduardo Carlos Pereira

A Fundação Eduardo Carlos Pereira (FECP) foi instituída pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil no ano de 1963 e tem como finalidade manter, supervisionar e oferecer cursos na área da Educação Teológica. Diante desta nobre missão, ela é a Mantenedora da Faculdade de Teologia de São Paulo (FATIPI) e atualmente oferece o *Curso Livre de Teologia na modalidade a distância (EAD-FECP). Por meio de seus recursos, a FECP abençoou e tem abençoado a vida de muitas pessoas, para a glória de Deus.

*O curso livre de Teologia EAD (sem reconhecimento do MEC) **é reconhecido pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil para a ordenação pastoral.**

 11. 3111-7322  secretaria@fecp.org.br

 www.teologiaead.org.br

A REFORMA E A BÍBLIA

Qual era o lugar da Bíblia antes da Reforma Protestante? Que papel ela representou para os cristãos depois da Reforma?

Antes da Reforma Protestante, do século XVI, o acesso à Bíblia era restringido aos profissionais da religião: clérigos, escolas de teologia, mosteiros e conventos. A Igreja de Roma entendia que o povo não estava habilitado a compreender e interpretar o texto bíblico. Isso era responsabilidade dos sacerdotes. Esta restrição ficou mais evidente por um decreto do papa Inocêncio III, que em 1199 proibiu versões da Bíblia. Essa proibição foi uma reação ao movimento conhecido como Valdense, nome dado aos seguidores de Pedro Valdo, rico comerciante de Lyon que encomendou uma tradução da Bíblia em linguagem popular e passou a ensiná-la ao povo. O Sínodo de Toulouse (1229) proibiu a posse de Escrituras pelos leigos e “condenou todas as traduções”¹.

Antes desse período houve outras iniciativas de tradução das Escrituras. A primeira notícia encontramos na própria Bíblia. No Livro de Neemias, 8,8 lemos que Esdras e os levitas reuniram o povo e: “(...) *Eles iam lendo o Livro da Lei e traduzindo; (...) para que o povo entendesse o que era lido*”. Isso aconteceu porque os judeus ao retornarem do exílio babilônico voltaram falando aramaico e as novas gerações tinham esquecido a língua hebraica depois de 40 anos no exílio.

A primeira tradução reconhecida do Antigo Testamento foi a *Septuaginta*, ou

Tradução dos LXX — uma tradução do hebraico e do aramaico para o grego, que foi encomendada por Ptolomeu II, rei do Egito no século III a.C. O objetivo era atender aos judeus da dispersão, que pela influência do helenismo passaram a usar fortemente o grego, e compor o acervo da Biblioteca de Alexandria.

Depois da *Septuaginta* a mais importante tradução foi a *Vulgata*. Trabalho do grande biblista Jerônimo, que recebeu a incumbência do Papa Dâmaso I em 384. O nome originado vem de *vulgata versio*, ou, *vulgata lectio*, que significa, versão, ou leitura de divulga-

A Igreja de Roma entendia que o povo não estava habilitado a compreender e interpretar o texto bíblico. Isto era responsabilidade dos sacerdotes.

PAPA INOCÊNCIO III (à direita)

Óleo sobre tela de Antonio Carnicero Mancio (1748-1814), de 1789, parte do acervo do Museu do Prado, em Madri

REV. ASSIR PEREIRA

Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e graduado em geografia pela Universidade de São Paulo e em filosofia, história, estudos sociais, pedagogia e estudos de problemas brasileiros. Possui mestrado em História Econômica dos Séculos XVIII e XIX. É pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil há 48 anos e secretário-geral da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Foi presidente da IPI do Brasil por três mandatos. É casado com Dayse, tem dois filhos e cinco netos.

¹ Walker, W - *História da Igreja Cristã* - p. 326



ção para o povo. Jerônimo produziu uma tradução com linguagem de fácil entendimento para o povo comum. A *Vulgata* tornou-se o texto mais utilizado pela Igreja do Ocidente em toda a Idade Média.

Outro nome muito importante para a tradução da Bíblia foi John Wycliffe. Em meados do século XIV, notabilizou-se por fazer a primeira tradução da Bíblia para o inglês. Defendia que o povo precisava ter a Bíblia na sua língua. A versão de Wycliffe exerceu forte

influência na formação do idioma inglês pela sua beleza, força e clareza.

■ A BÍBLIA DEPOIS DA REFORMA

Um dos grandes propósitos dos reformadores foi colocar as Escrituras na mão do povo. Lutero, Calvino e os pais da Reforma entendiam que a Bíblia, e só a Bíblia, era o centro de toda a teologia da Igreja. A centralidade nas Escrituras, que valeu a máxima *Sola Scriptura*, foi o que

Um dos maiores legados da Reforma foi tornar a Bíblia acessível às pessoas. Ao redescobrir a Bíblia e sua centralidade na vida da Igreja, os reformadores descobriram o próprio Deus. Este reencontro com as Escrituras representou o próprio encontro da Igreja com o Deus da Bíblia. Em outras palavras, a Bíblia produziu a Reforma.



PTOLOMEU II Estátua recuperada do mar, atualmente junto da Biblioteca de Alexandria

JOHN WYCLIFFE (1320 - 1384)

Gravura produzida pelo Florida Center for Instructional Technology, College of Education, University of South Florida

levou Lutero a empreender a tradução para o alemão. Por isso fez uma tradução que permitisse ao povo na rua — o feirante, a criança etc. — entender o que estava lendo.

A pregação, a teologia, o governo da Igreja teriam na Bíblia seu centro. Os reformadores suíços nas “primeiras teses que apresentaram para debate com o catolicismo medieval declaravam que a Bíblia é a autoridade decisiva na teologia. As duas primeiras teses de Berna (1528) declaram:

1) A Santa Igreja Cristã, cuja única cabeça é Cristo, nasceu da Palavra de Deus, e nela permanece.

2) A Igreja de Cristo não faz leis ou mandamentos à parte da Palavra de Deus. Por isso, todas as tradições humanas não se impõem a nós, a menos que sejam fundamentadas ou prescritas pelas Escrituras”.²

Um dos maiores legados da Reforma foi tornar a Bíblia acessível às pessoas. Daí as muitas traduções. Na França, com um sobrinho de Calvino; na Holanda e na Inglaterra, com a *King James Version*; no espanhol a *Reina Valera*; em português a tradução de João Ferreira de Almeida. Hoje, segundo dados das Sociedades Bíblicas Unidas, chegamos ao total de 3.225 traduções de Escrituras completas ou em parte.

O maior legado da Bíblia foi sem dúvida a normatização das línguas nacionais. Exemplo disto foi a tradução de Wycliffe e mais tarde a do Rei Tiago (*King James Version*) na Inglaterra e a tradução de Lutero na Alemanha,



que teve papel decisivo na formação da língua alemã.

Acrescente-se ainda várias contribuições no campo linguístico, na literatura e na educação. A Reforma Protestante teve papel preponderante na universalização da alfabetização. Os reformadores descobriram que ter a Bíblia na mão do povo não era suficiente, pois as pessoas se encontravam mergulhadas nas trevas do analfabetismo. O propósito era a “libertação das palavras através da Palavra”, as elites eram detentoras das palavras, e não o povo.

Além destas contribui-

ções a Bíblia desempenhou papel importante para os povos que não tinham a sua língua grafada. Muitas línguas indígenas ágrafas, no Brasil, viram seu idioma escrito pela primeira vez por causa do esforço da Sociedade Bíblica do Brasil em traduzir a Bíblia para a língua destes povos.

Ao redescobrir a Bíblia e sua centralidade na vida da Igreja, os reformadores descobriram o próprio Deus. Este reencontro com as Escrituras representou o encontro da Igreja com o Deus da Bíblia. Em outras palavras, a Bíblia produziu a Reforma. ■

2 Leith, John H. - *A Tradição Reformada* - p. 150

A REFORMA E A MÚSICA SACRA

Os cristãos atuais herdaram cânticos de três grandes fontes hinológicas provenientes da Reforma ocorrida principalmente na Alemanha, na Suíça e na Inglaterra. Esses cânticos deram maior vitalidade e versatilidade aos estilos musicais na liturgia dos cultos reformados.

■ MÚSICA

Como era a música na Idade Média, na época da Reforma? A música de Genebra por volta de 1635, por exemplo, representa um ponto alto da música da época, e possivelmente soa um tanto estranha aos nossos ouvidos modernos, não habituados a ouvi-las. Nossos ouvidos estão programados desde o nosso nascimento a escutar música contemporânea, que nós chamamos de “normal”. A música antiga raramente tinha “saltos” entre um som e outro, mas geralmente eram sons vizinhos dentro da escala musical.

Uma diferença fácil de se perceber é que a música antiga, seja rápida, seja lenta, seja alegre, seja triste, cria ainda hoje uma atmosfera inconfundivelmente solene, de reverência, dignidade e respeito.

■ OS TEXTOS

De modo geral os cânticos da época da Reforma focavam:

1) Na glória e na majestade de Deus, expressando reverência e a dignidade de Deus.

2) No ensino da doutrina e das grandes verdades bíblicas. Refletem Deus, o pecado, a

graça divina, a obra redentora de Cristo, a Palavra de Deus, a Igreja e os Sacramentos. As doutrinas dos cinco SOLAS nortearam a grande parte da teologia dos cânticos: *Sola Scriptura* (Somente a Escritura); *Solus Christus* (Somente Cristo); *Sola Gratia* (Somente a Graça); *Sola Fide* (Somente a Fé) e *Soli Deo Gloria* (Somente a Glória de Deus).

Muitos dos textos dos corais do tempo de Lutero eram versões latinas antigas que foram traduzidas para o alemão. Por exemplo: *Veni Creator Spiritus – Komm Heliger Geist* (Vem, Santo Espírito de Deus), *Salve Caput Cruentatum – O Haupt voll Blut und Wunden* (Ó Fronte Ensanguentada) etc.

Muitos textos bíblicos e Salmos foram postos em versos e métrica em todas as línguas onde o calvinismo tinha influência. Na Alemanha, igualmente, à semelhança dos Salmos métricos de Calvino, Lutero escreveu o *Castelo forte*, uma versão métrica do Salmo 46. Como Lutero, inúmeros autores produziram textos para serem cantados, baseados nas Escrituras e nas experiências da vida cristã. Na Inglaterra,

Muitos textos bíblicos e Salmos foram postos em versos e métrica na língua de todos os países onde o calvinismo tinha influência. Na Alemanha, igualmente, à semelhança dos Salmos métricos de Calvino, Lutero escreveu o *Castelo Forte*, uma versão métrica do Salmo 46.

Alegoria Musical. De Rembrandt, é parte do acervo do Rijksmuseum, em Amsterdã. Foi pintada em 1626, a óleo sobre tela

REV. JOÃO WILSON FAUSTINI

Bacharel e mestre em música, maestro, cantor, compositor, organista, pastor emérito da Igreja Presbiteriana St. Paul's Church, membro do presbitério de Newark, Nova Jersey (EUA), é membro vitalício da Hymn Society of America and Canada. Foi regente titular dos corais da Catedral Evangélica de São Paulo (Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo) em dois períodos — de 1964 a 1995 e de 1972 a 1982. É patrono da Sociedade Evangélica de Música Sacra (Soemus).



Isaac Watts (1674-1748) não era contra o uso dos Salmos, mas dizia que deveriam ser “cristianizados” à luz do Novo Testamento. Ele foi um pastor não conformista, que discordava do governo e dos costumes aceitos pela Igreja Inglesa (anglicana) e é considerado o Pai da Hinódia Cristã, por liderar um movimento a favor do uso de hinos de composição humana nos cultos.

■ OS SALMOS METRIFICADOS - JOÃO CALVINO (1509-1564)

Calvino dizia que os Salmos sempre foram usados pelo povo de Deus e que só deveriam ser usados nos cultos. Segundo ele, os Salmos podem nos ajudar a erguer os nossos corações a Deus e nos levam a maior zelo ao invocar e exaltar sua glória em louvor do seu nome. Em sua obra *As Institutas* fica claro que Calvino tinha as orações e o canto colocados em um lugar de destaque no seu sistema teológico geral. Os Salmos na língua hebraica são poesias e fazem uso de paralelismos e acrósticos. Calvino achava que nós também deveríamos cantá-los metrificados, como poesias, e com rima. Além do mais, isso facilitaria o aprendizado e a memorização.

■ CONSELHO DE CALVINO

Os conselhos de Calvino para a música litúrgica parecem muito austeros para os dias de hoje. Entretanto, é muito oportuno examinar seus conselhos, visto que a música de culto está cada vez mais se tornando entretenimento, baseada no populismo de nossa época, e sem dúvida precisamos voltar às raízes do movimento reformado.

Assim dizia Calvino:

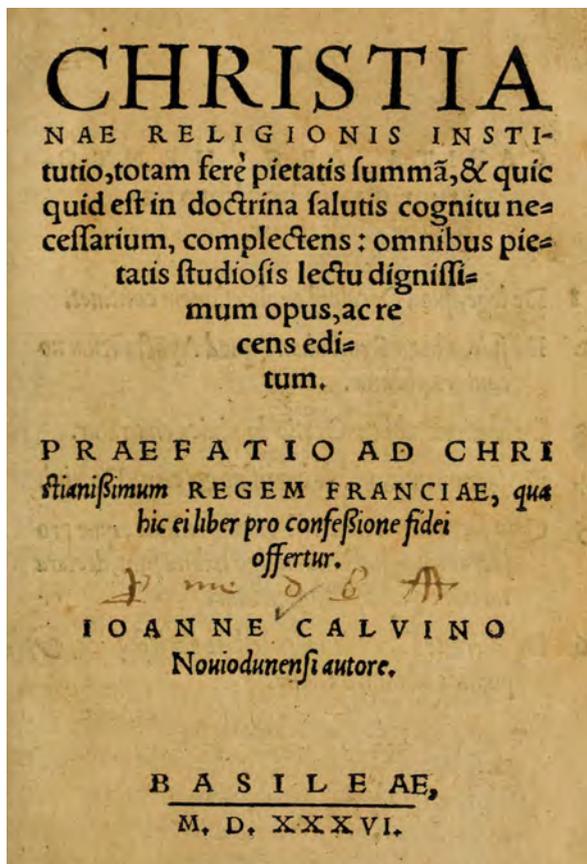
“Devemos tomar todo o cuidado para não fazer da música um elemento de entretenimento; ao contrário, a música é para adoração do Criador e para a edificação da Igreja”.

Para Calvino, o cântico dos Salmos tem três propósitos:

- 1) glorificar a Deus;
- 2) edificar os cristãos;
- 3) meditar sobre as virtudes cristãs e desenvolvê-las.

“O primeiro objetivo maior do canto congregacional não é a expressão da resposta

de alguém à fé nem o compartilhar dos sentimentos de alguém, mas sim louvar a Deus pela sua misericórdia e graça.” Na realidade, escreveu Calvino, *“está prescrito para nós uma regra infalível que nos guia com respeito à maneira correta de oferecer a Deus o sacrifício de louvor. O foco do canto congregacional é Deus, e não o homem. Este propósito principal de cantar os Salmos deve estar evidente também na maneira como eles são entoados. O peso da cultura contemporânea ou*



FOLHA DE ROSTO DE AS INSTITUTAS, DE JOÃO CALVINO. Institutio Christianae Religionis, Genebra, 1559

CONCERTO DOS ANJOS
(à direita)
Pintura de Gaudenzio Ferrari, cerca de 1530



dos valores estéticos de qualquer geração não deve sobrecarregar o texto ou causar distração ao exaltar a Deus”.

O segundo propósito de se cantar Salmos nos cultos é a edificação dos crentes. Por essa razão Calvino enfatiza a importância do exercício dos Salmos de maneira consciente no relacionamento com Deus. *“Cantar Salmos ajuda a tirar nossos pensamentos das coisas terrenas e nos voltar para as espirituais. Ao envolver as mentes e as bocas dos crentes, o canto congregacional chama a atenção para a Palavra de Deus. A Palavra age nos corações dos crentes pela combinação poderosa do texto com a música. Como o texto precisa ser facilmente entendido, não deve ser em Latim, mas na língua do povo. Uma tradução dos Salmos hebraicos não desvaloriza as Escrituras; ao contrário, aumenta o significado do Salmo para aqueles que o cantam.”*

Meditar nos efeitos da graça de Deus é a terceira razão para se cantar os Salmos. *“Os Salmos funcionam como uma ferramenta para encorajar e fortalecer os crentes em horas de dúvidas ou tristezas. Eles também chamam a atenção para os pecados de cada um, para a expiação de Cristo, e para a necessidade da obediência. Eles nos apontam para as qualidades da paciência, da sabedoria e da equidade, que marcam a vida regenerada do crente. Resumindo, cantar Salmos tem uma influência positiva no comportamento moral do crente.”* Por esta razão Calvino afirma repetidamente que *“a menos que a voz e o canto*

jorrem das profundezas do coração, não tem nenhum valor nem proveito”. (CO 1, 88). *“O desejo de apropriar-se da Palavra de Deus e permitir que ela afete a alma é um elemento importante para se cantar Salmos.”* No capítulo das *Institutas* (3.20.32) que fala do canto congregacional, Calvino rejeita *“canções que foram compostas somente para doçura e deleite dos ouvidos”* como *“impróprias para a majestade da Igreja”*. (CO 2, 659). Em outro trecho ele desencoraja *“o uso de textos e melodias que tenham muitos ornamentos, porque eles distraem se desviam da majestade da Igreja e do culto.”* Ele escreve, *“com relação à melodia, parece-me melhor que ela seja moderada, conforme a maneira que temos adotado, mantendo a gravidade e a majestade conforme o assunto”*. (CO 6, 171-172). Citando Agostinho, Calvino aconselha que *“devemos ser muito cuidadosos para que nossos ouvidos não prestem mais atenção à melodia do que nossas mentes ao significado espiritual das palavras”*. (CO 2, 659). Em outras palavras, *“a música deve ser tão simples para que evidencie o sentido das palavras”*.

Sob a ótica de Calvino, *“o uso de acidentais cromáticos, variações rítmicas e outras complicações musicais impedem o impacto do texto cantado”*. (CO 31, 324). Ele não se opôs a cantar a duas ou três vozes, mas achava que não era prático para a congregação cantar em harmonia. Ele estava mais preocupado *“com a harmonia do coração com Deus do que com a harmonia do som musical”*. Ele acha-

va que *“cantar em uníssono aumenta o efeito do texto na mente e no coração e expressa a convicção de que todos os adoradores pertencem ao sacerdócio dos crentes”*.

■ O CORAL ALEMÃO - MARTINHO LUTERO (1483-1546)

Na Idade Média havia muitos analfabetos e toda a liturgia do culto, inclusive os cânticos, era exercida somente pelo clérigos e em latim. Lutero, que era um sacerdote e teólogo, conhecedor da história da Igreja, das liturgias e da música queria que TODOS, e não somente os clérigos, participassem ativamente de todas as partes do culto e na própria língua nativa, em vez do latim, como era o costume na época.

Ele queria que a liturgia voltasse para as bases bíblicas do culto cristão dos primeiros séculos, e por isso fez diversas alterações nela, principalmente na música. Baseado no princípio do sacerdócio universal, em que cada crente, diretamente, pode e deve se dirigir pessoalmente a Deus em suas orações, confissões e louvores, Lutero ampliou e deu prioridade à participação dos fiéis na adoração, colocando grande ênfase no canto congregacional.

Lutero era músico e compositor, por isso contribuiu efetivamente para o desenvolvimento do coral alemão, que tem um certo estilo de hino congregacional. Acredita-se que ele mesmo tenha composto cerca de 25 corais para o uso congregacional. O seu famoso coral *Castelo Forte* é nosso Deus (*Ein feste Burg ist unser Gott*) é um

GAITA DE FOLE
(à direita)
O anjo esculpido na porta da igreja de Santo Egídio, na Escócia, a primeira presbiteriana do mundo. Instrumento típico escocês



Além de dar prioridade ao canto congregacional por meio desses corais (hinos), Lutero apoiou o canto do coro e o uso de instrumentos no culto, mas em um papel secundário.

exemplo típico do estilo do coral alemão. O texto desse coral é baseado no Salmo 46. Muitos outros compositores o ajudaram na produção de um dilúvio de corais (hinos) que hoje fazem parte dos hinários de todas as denominações, em todas as partes do mundo. Além de dar grande prioridade ao canto congregacional por meio desses corais (hinos), Lutero apoiou o canto do coro e o uso de instrumentos nos cultos, mas em um papel secundário.

O ritmo da música é o elemento que mais influencia a atmosfera e o ambiente do culto. Os cânticos desses corais alemães tinham ritmos majestosos e simples, e podiam ser cantados facilmente por pessoas leigas. Eles geralmente usam uma nota por sílaba. Lutero adaptou e alterou o ritmo de algumas baladas e melodias populares conhecidas da época, tornando-as mais reverentes. Associou-as a textos bíblicos e litúrgicos, para serem cantadas imediatamente por sua congregação. Esse processo usado na Idade Média era chamado de "contrafacta", e era uma prática comum dos compositores de música religiosa. A partir do fim do século XVI, com o desenvolvimento da harmonia, a melodia tornou-se a voz mais importante. Foi possível en-

tão, a partir daí, acompanhar com instrumentos musicais o canto predominante, com acordes, dando apoio e facilitando, assim, a prática do canto congregacional.

■ A INFLUÊNCIA ANGLICANA REFORMADA

A Igreja Anglicana (chamada também de Episcopal, para diferenciá-la da Igreja da Inglaterra) baseia a sua fé cristã na Bíblia, nas tradições da Igreja Apostólica, na sucessão apostólica e nos escritos dos pais da Igreja. Anglicanos formam um dos ramos do Cristianismo Ocidental, mas são totalmente independentes da Santa Sé (Vaticano) desde o acordo religioso e político realizado no reinado de Elizabeth I (1533 a 1603). Os anglicanos foram os últimos a aceitar o canto congregacional reavivado pela Reforma. Essas reformas da Igreja da Inglaterra normalmente são atribuídas ao esforço do arcebispo de Canterbury, Thomas Cranmer, que permanecia entre as duas tradições emergentes, Luterana e Calvinista. Ao fim do século XVI, a manutenção de muitas formas litúrgicas tradicionais e do episcopado era tida, por ingleses que promoviam os princípios protestantes mais evoluídos da Reforma, como inaceitável e ultrapassada.

■ OS SALMOS METRIFICADOS DE GENEBRA SÃO LEVADOS PARA A INGLATERRA

Os Salmos da tradição anglicana são importantes para nós brasileiros, porque dessas edições inglesas vieram os Salmos contidos no primeiro hinário brasileiro-português, o *Salmos e Hinos*, minucioso trabalho do casal Kalley.

Em 1557, quando os refugiados ingleses que haviam fugido da rainha Mary, a Sanguinária voltaram de Genebra para a Inglaterra, eles rouxeram para o seu país os Salmos metrificados e as influências Calvinistas. Na Inglaterra, os Salmos cantados em versos se popularizaram rapidamente. A primeira edição do Saltério inglês de Genebra foi publicada em 1556, com um total de apenas 51 Salmos. Em 1635, surgiu o Saltério escocês, e outros saltérios e novas edições apareceram por centenas de anos. Quando foi publicada a Nova Versão do Saltério, de Brady and Tate, em 1696, a versão antiga (*Old Version*) de Sternhold e Hopkins continuou a ser usada na América do Norte, até 1828, 266 anos depois, tendo mais de 600 edições. Essa versão antiga foi trazida para a América do Norte e continuou a ser usada.

■ OS SALMOS METRIFICADOS NO BRASIL

O casal Kalley – dr. Robert Kalley e sua segunda esposa, Sarah, e João Gomes da Rocha, um filho adotivo, publicaram as primeiras quatro edições com música do primeiro e mais importante hinário brasileiro, o *Salmos e Hinos*.

Os Salmos métricos em português contidos no hinário *Salmos e Hinos* (SH), que supúnhamos ser metrificacão original de Sarah Kalley, na realidade foram todos extraídos e traduzidos dos Saltérios de língua inglesa, possivelmente do Saltério escocês, visto que o Dr. Robert Kalley era escocês e tanto ele quanto sua esposa deviam estar bem familiarizados com essas versões dos Salmos. O primeiro Salmo traduzido e metrificado pelo dr. Kalley para o português foi o Salmo 100, quando ele ainda era missionário na Ilha da Madeira. Era cantado com a música *Old Hundredth*, que muitas denominações calvinistas usam-na para cantar a Doxologia. Há duas versões em português desse Salmo no CTP (30 a e 30 b), uma do dr.

Kalley e outra de sua esposa. Esses Salmos tinham sido metrificados na língua inglesa inicialmente por Sternhold e Hopkins, como foi dito anteriormente. Sarah P. Kalley, apesar de ser estrangeira, fez um trabalho monumental ao traduzi-los para o português, observando a métrica e a rima, publicando-os a seguir no *Salmos e Hinos*, estabelecendo com esse hinário as bases da hinódia luso-brasileira de origem Calvinista.

Os Saltérios anglo-genebrinos usaram muitas melodias de fontes inglesas, até mesmo de baladas populares, que foram adotadas para serem cantadas com o texto dos Salmos. Isso foi feito para encorajar o povo a entoar cantos sacros em vez de textos de canções mundanas populares.

■ OS HINOS

A Igreja Anglicana aceita-va o cântico dos Salmos, por serem de inspiração bíblica, mas rejeitava o cântico de hinos. Os hinos eram entoados por aquelas denominações que discordavam da linha anglicana (metodistas, batistas e congregacionais) ou podiam ser cantados em casa,

mas não nos cultos. Por isso, eles eram evitados e, pela mesma razão, o cântico de Salmos métricos tinha se popularizado e esteve presente desde o início da Reforma no culto anglicano. Saltérios antigos e novos foram incluídos no *Livro de Oraçãõ Comum*, da Igreja Anglicana.

Com o passar dos anos muitos autores de hinos surgiram na Inglaterra, entre eles John Newton: *Preciosa Graça* (*Amazing Grace*); Augustus Toplady: *Rocha Eterna* (*Rock of Ages*); Bispo Reginald Heber: *Santo, Santo* (*Holy, Holy*), *Ó Linda Estrela* (*Brightest and Best*) etc.

■ CONCLUSÃO

Os Salmos e os hinos antigos não estão ultrapassados? Jamais! Tantos os Salmos como os hinos do passado pertencem a todas as gerações. Eles nos pertencem, porque formam um autêntico cânone hinológico semelhante à própria Bíblia e possuem, de modo geral, um padrão de beleza e de reverência poética e artística inigualável. Eles cristalizaram os pensamentos humanos a respeito de Deus e dos deveres diários dos crentes, e foram passados de geração a geração. Eles contêm os ideais comuns dos crentes que louvam a Deus por meio da música. ■

Os Saltérios anglo-genebrinos usaram muitas melodias de fontes inglesas, até mesmo de baladas populares, que foram adotadas para serem cantadas com o texto dos Salmos. Isso foi feito para encorajar o povo a entoar cantos sacros em vez de textos de canções mundanas populares.

A REFORMA, A CULTURA E A MODERNIDADE, POR OCASIÃO DOS 500 ANOS DA REFORMA LUTERANA

A cultura produzida pela Reforma Protestante foi um prenúncio ou mola propulsora da modernidade, ou retardou e dificultou o seu surgimento?

Difícilmente a espinha dorsal da Igreja Católica teria sido quebrada por alguém de natureza sensível, delicada e gentil como Erasmo de Roterdã. Lutero, com suas loucuras e grosserias, coragem e autoconfiança, e a certeza de que havia sido escolhido por Deus para essa missão, foi essencial para quebrar o monopólio que a Igreja Católica vinha tendo, há mais de mil anos, sobre o cristianismo no Ocidente. Isso, em si, já é um enorme mérito de Lutero e da Reforma.

A questão que se coloca é se as igrejas protestantes que surgiram no século XVI eram, em sua essência, muito diferentes da Igreja Católica, cujo poder elas parcialmente abocanharam, de modo a ser necessário recorrer a elas para explicar o surgimento da modernidade.

Em artigo recente sobre a Reforma (em geral) e a modernidade, publicado em *Reformation 500: How the Greatest Revival Since Pentecost Continues to Shape the World Today*¹, Peter J. Leartart tenta demonstrar o seguinte:

1) De um lado, ele tenta puxar para o protestantismo a paternidade dos melhores aspectos da modernidade: a ciência,

a tecnologia, a liberdade, os direitos humanos, a humanização da vida no Ocidente.

2) De outro lado, ele tenta afastar do protestantismo a acusação de que ele desencantou a realidade, desmitificou nossa visão de mundo, dessacralizou a sociedade, secularizou a vida no Ocidente.

Em outras palavras, o protestantismo, nessa visão, é

DR. EDUARDO CHAVES

Membro da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, até este ano foi professor de História da Igreja na Faculdade de Teologia de São Paulo da IPIB (Fatipi). É ph.D. pela Universidade de Pittsburgh (1972) e foi durante 32 anos e meio professor de Filosofia da Educação e Filosofia Política na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele tem um blog sobre a Reforma luterana chamado Reformation Space, no endereço <https://reformation.space>. Ele pode ser contatado pelo e-mail: chaves@reformation.space

Lutero, com suas loucuras e grosserias, coragem e autoconfiança, e a certeza de que havia sido escolhido por Deus, foi essencial para quebrar o monopólio que a Igreja Católica vinha tendo há mais de mil anos.

1 Editado por Ray van Neste & Michael Garrett (B&H Academic, Tennessee, 2016), pp. 264-265.

LUTERO NA DIETA (ASSEMBLEIA) DE WORMS

Pintura de Anton von Werner (1843-1915), atualmente na Staatsgalerie, de Stuttgart

responsável por tudo de bom e por nada de mau que caracteriza a modernidade — uma modernidade que ele renunciou e, de certo modo, claramente ajudou a emergir.

Essa tese instiga a pensar, mas dificilmente pode ser considerada verdadeira ou mesmo aceitável na forma em que se encontra.

Neste artigo, questiona-se brevemente a tese e alguns de seus vários pressupostos.

■ **PRIMEIRO**, há evidência mais do que suficiente de que o protestantismo criado pela Reforma (com a louvável exceção de alguns grupos dentro da chamada Reforma Radical) estava mais próximo do catolicismo romano do que estava, de um lado, do humanismo da Renascença, nos séculos XIV e XV, e, de outro lado, do Iluminismo, defensor da razão e da liberdade, nos séculos XVII e XVIII, em especial no tocante a valores básicos como liberdade de

consciência, de pensamento, de expressão, de religião e de culto, tolerância, separação entre Igreja e Estado, limitação dos poderes do Estado, existência de direitos individuais básicos do ser humano e do cidadão (expressão, locomoção, associação, contrato, propriedade etc.), que o Estado deve proteger e está proibido de infringir etc., que, a meu ver, são valores característicos da modernidade e não se fizeram presentes na Reforma (a não ser excepcionalmente, como se verá).

Confira alguns fatos:

1) O reformador Zwingli morreu no campo de batalha, guerreando contra os católicos, depois de ter combatido ferozmente os seus dissidentes anabatistas.

2) Lutero, além de perseguir antigos amigos e associados (como Karlstadt), recomendou que o Estado exterminasse os camponeses que se rebelaram, por causas bastante justas. Sugeriu ao

Estado que perseguisse os judeus, queimando suas sinagogas, e mesmo executando os judeus que insistissem em praticar suas crenças em meio aos cristãos.

3) Calvino, além de atuar como promotor no processo que levou à execução de Serveto na fogueira, pedindo a sua execução, perseguiu o humanista cristão Castellio, porque ele o denunciou, e a todo o cristianismo, por perseguir e matar “hereges” pelo falso “crime” de pensar de forma divergente.

4) Zwingli, Lutero e Calvino perseguiram anabatistas e aprovaram sua execução (mesmo por Estados ou governantes católicos).

5) Os reformadores ingleses, em suas várias persuasões, perseguiram, e não raro executaram, qualquer um que não concordasse com eles.

6) Os reformadores escoceses não hesitaram em perseguir e até mesmo executar os que não eram presbiterianos.



7) Na primeira metade do século XVII, a Europa Central foi traumatizada pela mais sangrenta guerra (que durou 30 anos) entre protestantes e católicos e entre protestantes de uma Igreja e protestantes da outra (luteranos e calvinistas, por exemplo), só terminando a guerra em 1648 por cansaço e pragmatismo, e não por princípio.

Os valores característicos da modernidade, já declinados anteriormente, surgiram a partir da obra e da luta de pensadores que estavam bem distantes de ser protestantes ou mesmo cristãos, como John Locke, David Hume, Adam Smith, Voltaire, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Tom Paine, entre outros. O único cristão e protestante digno de figurar nessa nobre lista é Sebastian Castellio — e ele foi duramente perseguido.

■ **SEGUNDO**, é verdade, especialmente no caso de Lutero, que o chamado Lutero Jovem (até 38, 39 anos — março de 1522), em um momento em que a Igreja estabelecida era a católica, e os luteranos eram a oposição perseguida, lutando pela própria sobrevivência, defendeu uma tese, com vários corolários, que em seu conjunto claramente honra a Reforma Protestante:

1) A tese de que a essência do protestantismo é a liberdade do cristão, liberdade essa enraizada na doutrina da justificação pela graça mediante a fé somente.

2) O corolário de que essa liberdade inclui até mesmo o perdão de pecados futuros, eximindo o cristão da necessidade de buscar a perfeição.

3) O corolário de que o ba-

tismo, que sacramenta a justificação pela graça mediante a fé somente, é equivalente a uma ordenação do cristão para o sacerdócio, do qual todos os crentes participam.

4) O corolário de que o crente, sacerdote que é, é livre para se dirigir a Deus sem necessidade de intercessores e para ler e interpretar a Bíblia sem intermediários.

5) O corolário de que, para que isso aconteça, todos os crentes devem ser capazes de ler a Bíblia na sua própria língua, devendo haver escolas, anexas às igrejas, que os capacitem a fazer isso.

6) O corolário de que interpretações divergentes da mesma passagem bíblica devem ser cotejadas com naturalidade e seriedade, sem jamais ser criminalizadas.

■ **TERCEIRO**, o problema é que, quando a sua Igreja, a Igreja Luterana, se tornou a Igreja estabelecida na Saxônia

(e em outras regiões na Alemanha ou fora dela), e Lutero, agora “o Velho” (dos 38, 39 anos em diante), passou a ser visto como o papa protestante, ele passou a se comportar basicamente como um papa católico, substituindo o livre exame pela ortodoxia luterana, a liberdade pelo controle, e o direito à divergência pelo dever da conformidade.

Nas demais reformas protestantes, a evolução não se deu de forma essencialmente diferente, e foram necessários mais dois de séculos para que a modernidade, como caracterizada anteriormente, de fato aparecesse — o que se deu com o Iluminismo do século XVIII.

No aniversário de 500 anos da Reforma, devemos reconhecer também nossos pecados e ter um momento de arrependimento e consideração pelos que foram perseguidos e mortos pelos nossos antepassados protestantes em nome da fé. ■

Os valores característicos da modernidade, já declinados anteriormente, surgiram a partir da obra e da luta de pensadores que estavam bem distantes de ser protestantes ou mesmo cristãos, como John Locke, David Hume, Adam Smith, Voltaire, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson etc.

É PRECISO TER ESPERANÇA



A **Fundação Francisca Franco** atende crianças e mulheres carentes e em situação de extrema vulnerabilidade, acolhendo-as, dando-lhes carinho, orientação e oportunidade para que refaçam suas vidas. Ajude a Fundação nesta transformação.

CONHEÇA NOSSO TRABALHO E DOE:
www.franciscafranco.org.br
Telefone para doações: (11) 3120-2342



Fundação
Francisca Franco
www.franciscafranco.org.br



Acesse
pelo QR Code

A REFORMA E O ESTADO

A Reforma Protestante do século XVI não é um acontecimento isolado, nem tampouco um evento puramente religioso. Há uma conjugação de fatores que somados aos acontecimentos eclesiásticos desencadeiam um dos mais extraordinários movimentos do espírito humano, marcando a civilização ocidental definitivamente. A expansão comercial aliada às novas rotas de navegação cria condições para o surgimento de uma nova classe social, composta principalmente de comerciantes, possibilita um novo modelo econômico e sepulta o então decadente sistema feudal. Os nobres, embora possui enormes áreas de terra, dependem de financiamento dessa nova classe, que não está mais disposta a arcar com os custos das suas guerras, criando-se alteração do sistema de forças políticas. Paralelamente, a insatisfação com a interferência de Roma nos assuntos nacionais e a decadência moral do clero acentuam o desejo de libertação dessa tutela, aprofundando o sentimento nacionalista. A invenção da imprensa tem, por sua vez, um papel fundamental na divulgação de novas ideias, tanto as de caráter humanista quanto as da Reforma. De que modo os reformadores atuam nesse cenário político? Quais são as suas ideias a respeito do papel do Estado? Como relacionam fé e ação na arena pública? Que legado nos deixam?

■ LUTERO E O ESTADO

Longe de imaginar que Lutero tivesse pretensões políticas ou propusesse a construção de modelos políticos. A rigor, Lutero não estava interessado na ruptura da ordem política nem na construção de um Estado cristão nos moldes de uma teocracia. A preocupação fundamental de Lutero era a volta do clero a uma fé alicerçada nas

Escrituras, pois o Evangelho jamais dependeria do poder político. Essa era sua convicção. Contudo, no jogo de interesses, Lutero, inevitavelmente, desempenhou um papel político e também foi beneficiado por decisões políticas em determinados momentos. Suas convicções sobre o assunto foram expressas tendo como pano de fundo a reivindicação

A preocupação fundamental de Lutero era a volta do clero a uma fé alicerçada nas Escrituras, pois o evangelho jamais dependeria do poder político. Esta era sua convicção.

REV. ÁUREO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Presidente da Assembleia-Geral da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, é bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Ipiib. Tem licenciatura em letras pela Universidade Estadual do Oeste do Estado do Paraná e é mestre pelo Princeton Theological Seminary (NJ). É casado com Ruthe Oliveira, tem três filhos e dois netos.

papal de supremacia sobre os governos, a crescente insatisfação social dos camponeses, as propostas dos anabatistas radicais como Thomas Munzer, bem como alguns questionamentos que lhe foram feitos. Em 1523, tentando responder a esses questionamentos, Lutero escreveu uma pequena obra intitulada *Da Autoridade Secular*. Contudo, o assunto é tratado também em alguns sermões, comentários bíblicos e outras obras¹.

Lutero afirmava a existência de dois governos ou dois reinos, um espiritual e outro temporal. No reino espiritual o governo é exercido pela Palavra, não há necessidade de espada se todos forem cristãos autênticos. No temporal a espada é necessária, caso contrário os lobos devorariam as ovelhas. A anarquia seria inadmissível. O fundamento da autoridade secular, no entanto, repousa na Escritura (Romanos 13; I Pedro 2,13) e se constitui também em um serviço a Deus, como qualquer outro, cuja finalidade é castigar o mal e proteger o bem. A origem do Estado encontra-se também no propósito de Deus. Era a “mão esquerda de Deus”. Embora a autoridade secular seja necessária para o estabelecimento da ordem, ela tem limites. Produz dano intolerável, diz Lutero, quando o governo assume excessiva amplitude ou limitação em demasia. É vedada à autoridade secular impor qualquer crença aos súditos,

pois esse é um assunto de consciência. Fé é um ato livre, obra do Espírito Santo. Não se impõe nem se cria. A autoridade, portanto, não pode exercer domínio espiritual. As heresias, por sua vez, não podem ser combatidas pela ou com a violência, mas apenas com a Palavra. Heresia é um assunto estritamente espiritual e a repressão pela violência apenas a fortaleceria. Infelizmente esse princípio não foi aplicado no caso dos anabatistas.

Lutero ainda lembra que autoridades falham ao impor carga tributária excessiva à população, causando espanto até em ladrões. A obediência às autoridades não é irrestrita. Quando César exige mais do que lhe é devido, é dever resistir, pois importa antes obedecer a Deus do que aos homens.

■ OS ANABATISTAS E O ESTADO

A denominada Reforma Radical teve várias expressões, algumas assumindo posturas extremas ou exóticas, outras moderadas, contudo os reformadores magisteriais (Lutero, Zwinglio, Calvino) reagiram negativamente, colocando todos na vala comum. Eles foram perseguidos tanto pelo Estado quanto pela Igreja, tanto por católicos como por protestantes. Suas propostas, de modo geral, colocavam em xeque a velha ordem medieval do *Corpus Christianum*, em que o Estado e a Igreja se mesclavam, além do fato de pregarem o rebatis-

mo dos batizados na infância e admitindo somente o batismo dos que fossem capazes de confessar sua fé. Geralmente se considera que a Reforma Radical era muito mais um movimento de restauração e retorno à fé primitiva do que propriamente uma reforma da Igreja.

Para os anabatistas a sociedade estava dividida entre dois grupos: os nascidos de novo e os não regenerados, não havendo compatibilidade entre ambos. A Igreja era composta somente dos nascidos de novo, separados do mundo, constituindo uma sociedade estritamente voluntária. Os anabatistas eram pacifistas, de modo geral, com exceção de alguns grupos que praticavam a violência para impor o rebatismo². O proverbial pacifismo anabatista tomava o sermão do monte como norma de vida, praticando a não violência, vivendo em simplicidade, rejeitando qualquer espécie de juramento e abstando-se do serviço militar. Os santos não deveriam se vingar, antes sofrer a injustiça. Menno Symons, o líder mais expressivo dos anabatistas, principalmente nos Países Baixos e norte da Alemanha, ensinava a legitimidade da autoridade e a sua obediência desde que não infringissem o que considerava limites da sua fé. Toda via, o cristão não poderia ser soldado nem magistrado com a responsabilidade de usar a espada. Os reformadores en-

1. Lutero, M. *Da Autoridade Secular*. S. Leopoldo: Sinodal, 1979. Outras obras de Lutero: *À Nobreza Cristã da Nação Alemã Acerca do Estado*.

2. Alguns anabatistas deixaram de ser pacíficos após muitas perseguições e reunidos sob a liderança de Tomas Muntzer em Estrasburgo, hoje na França, depois em Munster, na Alemanha, inaugurando o que seria a Nova Jerusalém, um reino apocalíptico e teocrático. Tropas protestantes e católicas dizimaram esse reduto em 1535.

tenderam que essas doutrinas inviabilizariam o Estado, comprometendo a sua segurança. A Dieta de Spira em 1529 estabeleceu o Código Justiniano, que previa a pena de morte para quem praticasse o rebatismo, abrindo espaço para uma feroz perseguição sem tréguas, uma das páginas mais tristes do século XVI.

■ CALVINO E O ESTADO

Calvino viveu em outra época e enfrentou circunstâncias muito diferentes das de Lutero, o que de certa maneira o levou a conclusões distintas sobre o tema, além do fato da sua formação jurídica e de ter contribuído na elaboração de leis em Genebra. A Calvino tem sido atribuído o mérito de ter mais bem elaborado a ética social e política reformada, dando-lhe um caráter sistemático e abrangente, uma vez que tratou não apenas de política, mas também de relações econômicas, trabalho, riqueza, assistência social etc., enfim áreas ligadas ao Estado³. Diríamos que o ponto de partida para o pensamento de Calvino sobre o Estado está contido na sua carta ao rei Francisco I, em 1536, prefaciando *As Institutas*, cujo objetivo era defender a fé reformada das falsas acusações que os confundiam com alguns anarquistas também revolucionários que eram anabatistas. Calvino então não apenas expõe o que creem, mas ousadamente lembra ao rei os limites da sua autoridade, seus deveres, os riscos de um governo insensível.

Calvino afirma que os cristãos fiéis ao Evangelho são subversivos quando a ordem reinante é na verdade a desordem. Só haverá ordem autêntica quando as reformas que o Evangelho impõe forem de fato implementadas, continua ele. A justiça é decorrente do Evangelho. É dever do magistrado guiar, fundar e conduzir seu governo sobre a justiça, para que não seja cúmplice da injustiça. O verdadeiro rei se reconhece como ministro de Deus e deve buscar a glória de Deus. Quando se afasta disso, se torna mero aproveitador, trazendo sofrimento aos súditos. O poder, com seus encantos, seduz e faz esquecer como Deus age através da sua Palavra no meio de gente simples e desprezível aos olhos dos poderosos. Calvino ainda ressalta a distinção entre os cristãos autênticos e os anarquistas, pois aqueles, como forma de respeito às autoridades, não cessam de orar por elas e não têm pretensões subversivas.

Ao longo de sua permanência em Genebra, Calvino iniciou um trabalho que não ficou restrito à Reforma da Igreja pela Palavra. Ele também contribuiu significativamente para a organização da vida política, social e econômica da cidade. Seu trabalho tem raízes no pensamento de Agostinho e sua visão da história, a qual se desenrola sob a dimensão da eternidade, em que o estabelecimento do Reino de Deus é o alvo final. Deus age providencialmente na e através da história para cumprir

seus propósitos. À semelhança dos demais reformadores, ele ensina sobre existência de dois governos, atribuindo ao Estado a responsabilidade de preservar a ordem, a paz e a tranquilidade, mas acrescenta uma tarefa: cuidar do bem-estar dos cidadãos. Posteriormente ele ainda se refere ao dever do Estado em reprimir os escândalos da religião. Contudo, na última edição das *Institutas*, em 1559, ele acrescenta como responsabilidade do Estado manter o culto público de Deus, a doutrina e a religião puras, e o bem geral da Igreja⁴. Os magistrados são ordenados por Deus, e por isso responsáveis perante Ele, devendo servir aos propósitos divinos, exercendo com fidelidade suas responsabilidades. Assim, as forças ditas seculares, como as espirituais, servem, ambas, aos propósitos divinos na história. Nada escapa ao senhorio divino. Mais tarde, no século XIX, na Holanda, Abraham Kuyper procurou aplicar esses conceitos afirmando que não existe um centímetro sequer no mundo o qual Cristo não possa reivindicar como seu⁵.

Calvino ainda tratou da difícil questão dos limites da obediência ao tirano. Por princípio, os cristãos devem obediência, todavia reconhece situações difíceis às quais nos desafiam, lembrando que o tirano também pode ser um instrumento da ira divina, exigindo de nós paciência. Ele admite que Deus pode levantar um Moisés para libertar o seu povo e extirpar um dominador iníquo. Todavia, devemos

CATEDRAL DE SÃO PEDRO

Monumento em Genebra (foto à direita), a igreja foi pastoreada por João Calvino

3 Biéler, A. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, p.125.

4 Strohl, H. *O Pensamento da Reforma*, p.232.

5 Abraham Kuyper foi jornalista, teólogo, pedagogo, líder político, fundador da Universidade Livre de Amsterdã, primeiro-ministro e uma das figuras mais expressivas da Holanda.



nos precaver da pretensão de exercer a vingança divina⁶.

Um dos mais influentes discípulos de Calvino, John Knox, retornando à Escócia liderou a Reforma ali e ajudou a escrever a *Confissão Escocesa*, em 1560, afirmando ousadamente que faz parte das boas obras do cristão: "...reprimir a tirania, defender o oprimido...!"⁷.

■ CONCLUSÃO

É preciso entender os reformadores em seu contexto. Eles não viveram em uma sociedade pluralista e secularizada. Alguns conceitos como Igreja sendo uma associação voluntária, separação nítida entre Igreja e Estado e diversidade religiosa foram conquistas posteriores. Contudo, há que se ressaltar a inestimável contribuição para a compreensão moderna do papel do Estado e da democracia. A doutrina da *sola gratia* nivelava os cidadãos perante Deus. Não há

nobre nem servos; ricos nem pobres: todos necessitam da graça e somente por ela têm acesso a Deus. A doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes, o acesso às Escrituras, trouxe a democracia para dentro da Igreja. Não há mais castas privilegiadas. Acertadamente se diz que, antes que a democracia chegasse à esfera política, ela foi praticada dentro da Igreja. Finalmente, a compreensão introduzida por Lutero do conceito de vocação, ampliando o seu sentido para além da perspectiva estritamente religiosa, e sim como um chamado para viver a fé no mundo, acrescida da compreensão de Calvino acerca do trabalho, fez com que todas as atividades humanas, incluindo a política, assumissem o caráter de um chamado divino, uma responsabilidade a ser desenvolvida para glorificar a Deus, pois o mundo era o teatro da sua glória. ■

A compreensão introduzida por Lutero do conceito de vocação, ampliando o seu sentido para além da perspectiva estritamente religiosa, e sim como um chamado para viver a fé no mundo, acrescida da compreensão de Calvino acerca do trabalho, fez com que todas as atividades humanas, incluindo a política, assumissem o caráter de um chamado divino.

6 Strohl, p.238.

7 *The Book of Confessions*, PC(USA), Louisville, 1994, p.17.

O grande negócio da sua empresa começa pela comunicação.

Em 4 anos, a Magu revolucionou o jeito de comunicar de 40 grandes marcas.

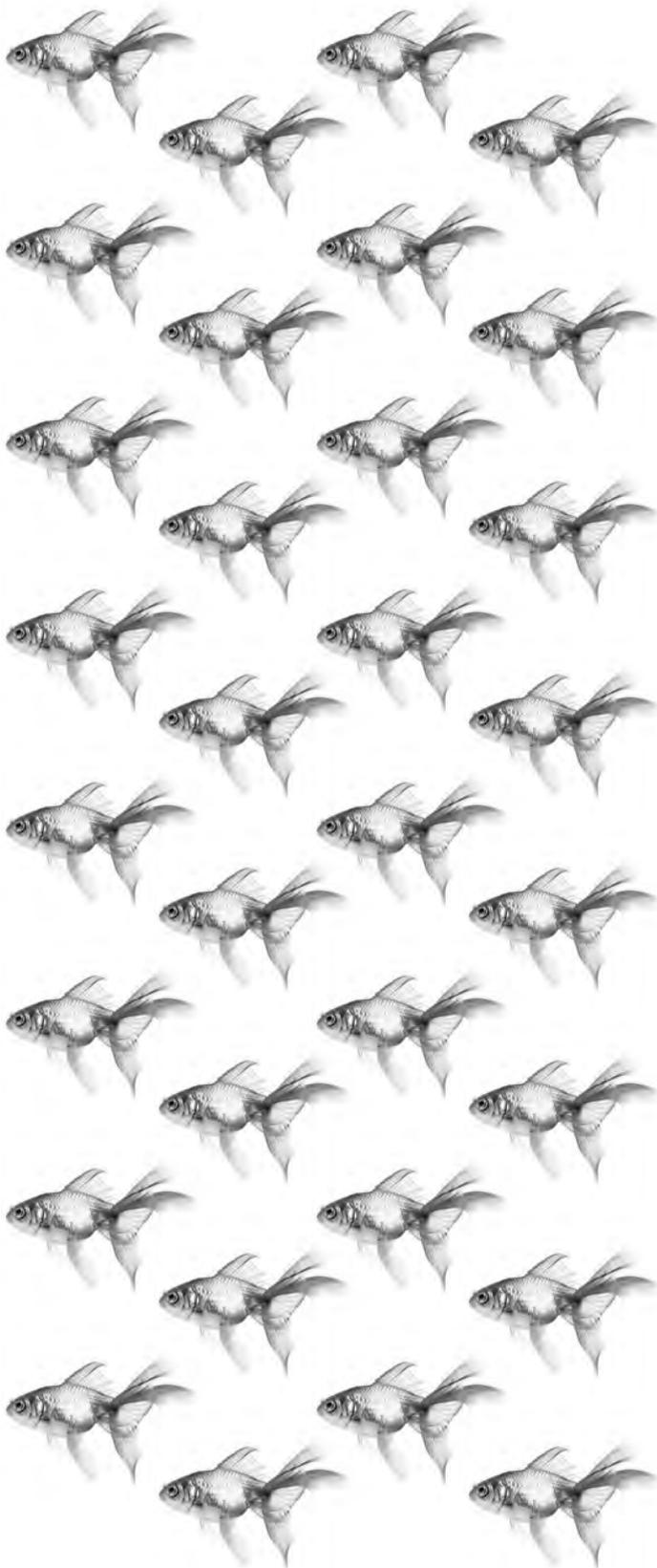
Venha fazer barulho com a gente.

Saab · Persona Mulher · FBFE · São Paulo Boat Show · GI Events · LAZ Desenvolvimento Imobiliário · Sandra Fóz ·
AD Comunicação · Catedral Evangélica de São Paulo · Fischer · Flor&Ana · BTB Telecom · Scania · Shape · AnaMaria · Cosmopolitan · Sesi ·
Senai · Fiesp · Diário de S. Paulo · Dukeanddots · Spring · América Economia · The First · Experience Innovation Design · HDI Brasil ·
Vila Solar · Arquitetura e Urbanismo · Construção Mercado · Infraestrutura Urbana · Equipe de Obra · Técnica · Ameizing.arq ·
Avon · Ameizing.com · Blend Your Mind · Christian Consult · LolliPoppi · Editora Abril · Grupo Pini



Marketing, Identidade Visual, Aplicativos, Vídeos, Sites, Livros, Revistas e Redes Sociais
Tel.: 55 11 2925 2901 / 2903 — contato@magucomunicacao.com.br

w w w . m a g u c o m u n i c a c a o . c o m



ECOS DA REFORMA PARA A JUVENTUDE HOJE

“Um dos principais desafios do ser humano é ser contemporâneo de si mesmo”, Søren Kierkegaard (1813-1855).

A Reforma Protestante foi um dos maiores acontecimentos da história da Igreja de Cristo em todos os tempos e sem dúvida não é um assunto restrito aos “mais velhos”. Neste ano em que comemoramos seus 500 anos, em tempos de *smartphones*, realidades aumentadas e redes que agregam milhões instantaneamente, temos o grande desafio de entender sua dimensão contemporânea. Isto é possível, já que a herança teológica e missionária da Reforma mudou o entendimento da forma como nos relacionamos com Deus e sua missão. Então podemos perguntar: o que os jovens podem aprender com este acontecimento histórico e que efeitos imediatos a Reforma (ainda) pode causar na vida da juventude de hoje?

■ DEUS ESTÁ ACESSÍVEL

Um marco teológico da Reforma é compreender que nossa relação com Deus não é aprisionada pela relação com a Igreja institucional. A Igreja é meio para nos relacionarmos com Deus, mas ela não é detentora do poder de acessibilidade a Ele. Deus está disponível direta e individualmente. A obra de Cristo na cruz rasgou o véu do santuário “de alto a baixo” (*Marcos 15,38*) e, pela graça, nos deu livre acesso a Ele. Sendo assim, como conhecer a Deus? Por meio das Escrituras. A Reforma Protestante foi a grande responsável pela

democratização da Bíblia. Foi ela que encorajou teólogos e líderes governamentais a traduzir e reproduzir milhares de cópias da Bíblia para nações inteiras, como a Alemanha. O conhecimento bíblico que outrora era exclusivo do clero passou a estar disponível desde a infância. Uma geração inteira poderia ser ensinada sobre Deus.

Quando nós buscamos a Deus e o encontramos na Palavra, inevitavelmente nos envolvemos com sua missão. Uma prova disso é todo o livro de *Atos dos Apóstolos*. A compreensão de Deus e o envolvimento direto com

Neste ano em que comemoramos seus 500 anos, em tempos de *smartphones*, realidades aumentadas e redes que agregam milhões instantaneamente, temos o grande desafio de entender sua dimensão contemporânea.

JOÃO CALVINO E O RETORNO ÀS ESCRITURAS.

Gravura francesa do século XVI (foto à direita), de autor desconhecido, parte do acervo do Museu Britânico

REV. WESLEY KENDRICK SILVA

Possui graduação em direito pelo Centro Universitário de Maringá (1998) e graduação em teologia pelo Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, de Londrina (PR), 2010. É mestrando em Liderança e Gestão de Pessoas na Florida Christian University e em Liderança pela Southeastern University (Flórida, EUA).



Ele trouxeram, de fato, ao adolescente e ao jovem uma personalidade e, consequentemente, um despertar vocacional. O jovem começou a entender muito melhor que Deus tinha um propósito para ele também, e não somente para a Igreja de modo geral; que a missão tem origem na vontade de Deus, e não no desejo apenas da Igreja como religião. Até hoje isso ainda faz muita diferença: uma vida devocional séria com Deus ajuda o jovem a perceber os caminhos do Senhor para ele, dando-lhe um discernimento sobre como Deus quer usá-lo.

■ VOCAÇÃO UNIFICADA

Um dos fatores mais revolucionários da Reforma para o mundo ocidental foi a compreensão integral de chamado e vocação. Se antes o conceito era compreendido apenas como parte das funções religiosas dos padres, após a Reforma o trabalho comum, do dia a dia de todos, também começou a ser visto como sagrado, como expressão da vocação de cada cristão. Com isso, as relações econômicas mudaram e os cristãos — não somente os clérigos — empenharam-se em transformar a sociedade por meio de seus dons e habilidades mais gerais. Este entendimento deu base para que houvesse uma unificação de vocação e trabalho sintetizada na famosa expressão “sacerdócio universal de todos os crentes”.

Para o jovem, isso é revolucionário! Sua capacitação profissional não precisa estar à parte do seu chamado. A vida com Deus não significa somen-

te realizar atividades na igreja local, mas também servir ao Senhor em seu ambiente de estudo, de trabalho, em sua família. Trata-se de uma única coisa: o trabalho faz parte do chamado, a nossa vida integralmente deve ser vivida para o Senhor. Ser, de fato, “sal e luz” em todo lugar (*Mateus 5,13-14*).

■ A REFORMA HOJE

Essas duas poderosas verdades que a Reforma Protestante resgatou não podem ser ignoradas. Nossos líderes e pastores precisam levar a sério esses conceitos e então ensiná-los aos jovens. Se conseguirmos fazer isso, iremos destravar o imenso potencial da juventude na missão de Deus. Nossos jovens serão conhecidos, assim

como os primeiros cristãos, como “os que transformaram o mundo” (*Atos 17,6*). Eles serão médicos, educadores, advogados, pastores, missionários, empresários, artistas que, a partir de um profundo relacionamento com Deus e da leitura das Escrituras, servem a Ele em todo o tempo para a sua exclusiva glória.

Precisamos fazer uma releitura da Reforma para a juventude, principalmente neste momento tão especial em que ela completa 500 anos. Precisamos restaurar o que se perdeu e, por meio disso, despertar e trazer de novo a importância do que a Reforma trouxe a toda a Igreja, inclusive à juventude. Isto, sim, é honrar a história.

Soli Deo Gloria! ■

OS QUATRO EVANGELISTAS

Pintura (à direita) do artista flamengo Jacob Jordaens (1593-1678), finalizada em 1625. Parte do acervo do Museu do Louvre

Um dos fatores mais revolucionários da Reforma para o mundo ocidental foi a compreensão integral de chamado e vocação. Se antes o conceito era compreendido apenas como parte das funções religiosas dos padres, após a Reforma o trabalho comum, do dia a dia de todos, também começou a ser visto como sagrado, como expressão da vocação de cada cristão.



JOÃO CALVINO E O MOVIMENTO MISSIONÁRIO

Não é raro pensar que João Calvino e o movimento que ele gerou não se interessaram pela obra missionária e pouco contribuem para a reflexão missiológica hoje. Entretanto, muito pelo contrário e mesmo com toda a preocupação pela Reforma da Igreja na Europa, João Calvino contribuiu não só para o movimento missionário em si, como também para a reflexão que nutre o bom empenho da proclamação do Evangelho até os dias de hoje. Ele enviou centenas de missionários para toda a Europa e até para o Brasil. João Calvino teve uma ação missionária de grande impacto.

REV. DR. TIMÓTEO CARRIKER

É obreiro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil há mais de 30 anos. Doutor na Escola de Estudos Interculturais do Seminário Teológico Fuller, ele ensina nos cursos de graduação e pós-graduação, e faz pesquisa para produzir material missiológico. Ministra no Brasil há mais de 30 anos. Foi presidente fundador da Associação de Professores de Missões no Brasil (APMB), consultor da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB) e de diversas outras organizações missionárias. É autor de cinco livros e numerosos artigos, e organizador de mais sete volumes. Entre seus livros está *Missões na Bíblia*, São Paulo: Vida Nova, 1992.

■ O MISSIONÁRIO

Aos 27 anos, o próprio Calvino saiu de seu país natal, a França, e foi como missionário para a cidade de Genebra, na Suíça.

■ A ESCOLA MISSIONÁRIA

Protestantes de toda a Europa foram para Genebra para se refugiar a partir de aproximadamente 1542, e nos 13 anos seguintes a população de Genebra duplicou. Aos poucos, a cidade se tornou não só um centro de refúgio, como também um centro de preparo missionário. João Knox, mais tarde, disse que essa era "a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na Terra desde a época dos apóstolos". Lá, Calvino ensinava a teologia reformada, a evangelização e a plantação de igrejas e enviava alunos para toda a Europa.

■ O ENVIO MISSIONÁRIO

Em Genebra, Calvino estabeleceu uma escola para abrigar refugiados protestantes de toda a Europa. Por exemplo, em 1561, enviou mais que 140 como missionários para a França, norte da Itália, Holanda, Escócia, Inglaterra e até para a Polônia. Além desses, Calvino enviou os primeiros dois missionários protestantes da história para outro continente. Ele os enviou em 1566 para o Brasil, 233 anos antes do envio missionário de William Carey, tido como "pai das missões modernas". Qual foi o impacto desse esforço? Consideremos a França, país para o qual Calvino começou a enviar missionários, em 1553. Dois anos depois, em 1555, cinco Igrejas Reformadas fo-



JOÃO CALVINO Retrato atribuído a Hans Holbein (1497-1543)

ram estabelecidas. Mais quatro anos depois, havia quase 1.000 e, em 1562, havia quase 2.150 igrejas com uma membresia total de 3 milhões, 17% de toda a população da França! Tudo isso pelo esforço de pouco mais de 140 missionários em um só dos nove anos, de 1553 até 1562, enviados por Calvino da pequena cidade de Genebra, de cerca de 20.000 habitantes. Era um projeto de “monumental”.

Mas o impacto dos missionários de Genebra não se limitava à França. O movimento se espalhou muito, passando a ter grande influência também na Holanda, na Inglaterra, na Escócia, na Alemanha, na Polônia, na Hungria, e, como é bem conhecido, até no Brasil.

■ OS MÉTODOS MISSIONÁRIOS

A pregação da Palavra de Deus era o método missionário de Calvino por excelência. Não deve ser abusado de tal forma a manipular as pessoas. Pois a Igreja deve apresentar argumentos persuasivos, mas com mansidão, a fim de atrair os curiosos, para que venham livremente por conta própria (comentários de *Miquéias 4,3* e *Filemom*

10). Calvino também insistia que cristãos jamais devem usar a força física ou o poder militar para impor a fé aos incredulos (*Miquéias 4,3*).

1) Seguindo o exemplo de Cristo em *Marcos 9,38*, ele enfatizava que a Igreja deveria orar pedindo que Deus envie trabalhadores para a colheita.

2) A Igreja deveria também “recrutar a sua força e dirigi-los eficazmente, para que o seu labor não fosse em vão” (*Isaías 49,17*).

3) Os crentes devem liderar e viver de modo coerente com a sua fé (*Isaías 2,3*).

4) Segundo Calvino, os cristãos, sendo ricamente abençoados, devem entusiasmadamente compartilhar as suas riquezas com os outros (comentário de *2 Coríntios 1,4*). Isso inclui a oração pelos perdidos (*1 Timóteo 2,4*).

■ CONCLUSÃO

Numa época em que missão era a linguagem para descrever o relacionamento da trindade e a doutrina católica da sucessão apostólica impedia a reforma da Igreja, não surpreende que João Calvino, de modo semelhante aos dos outros

reformadores, não falasse de missões e pouco aproveitasse da “Grande Comissão” para encorajar o avanço da Igreja pela Europa e além. Entretanto, é erro grosseiro concluir disso que ele não possuísse um senso agudo da necessidade missionária. E não só possuía, como também o advogava intensamente — primeiro, pelo exemplo da sua própria pessoa ao assumir o desafio de liderar o movimento protestante em Genebra, na Suíça; segundo, por meio do preparo e envio missionários para toda a Europa e para o Novo Mundo, acima de tudo por meio dos seus escritos em que expunha a chegada do reino de Cristo e a necessidade consequente da pregação da Palavra de Deus pela Igreja, como principal instrumento de Deus para a salvação dos eleitos. Assim, não é exagero afirmar que, à medida que a teologia bíblica que enfatiza o *missio Dei* por meio do *regnum et missio Christi* forma o ponto de partida para a melhor missiologia contemporânea, João Calvino pode facilmente receber a distinção de ser o “pai da missiologia contemporânea protestante”. ■

O impacto dos missionários de Genebra não se limitava à França. O movimento se espalhou muito, passando a ter grande influência também na Holanda, na Inglaterra, na Escócia, na Alemanha, na Polônia, na Hungria, e, como é bem conhecido, até no Brasil.

A REFORMA E A MULHER: SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS MEMBROS DO CORPO DE CRISTO

Lutero resgatou uma doutrina bíblica fundamental encontrada em 1 Pedro 2,9: o sacerdócio “democratizado” do povo de Deus. Efésios 4,1, Coríntios 12 e Romanos 12 reforçam e explicam o efeito transformador e libertador dessa doutrina para as mulheres e outros grupos marginalizados na cultura bíblica patriarcal, na cultura religiosa clerical x hierárquica do século XVI e nas culturas machistas de hoje. Isso significa um novo paradigma eclesiástico. Os ministérios na Igreja foram “democratizados”. A exclusividade do clero e dos homens acabou.

O texto registrado em Efésios 4 diz que todos os membros do Corpo de Cristo têm dons e ministérios. Sua responsabilidade é discerni-los, desenvolvê-los e exercitá-los para o bem do Corpo todo. Cristo “*concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres*” (versículo 11). Teologicamente, é difícil compreender que há certos dons para homens e outros para mulheres. A Reforma liberou a consciência individual e a Igreja como um todo para discernir vocações. Custou para muitas igrejas entenderem e aceitarem todas as implicações. A cultura é forte. Porém, há exemplos corajosos de quebra de paradigmas. Pouca gente sabe que Katharina von Bora¹ estudou os escritos de Lutero no convento, os defendeu e casou-se com ele.

1 Katharina von Bora (1499-1552) foi esposa de Martinho Lutero. Aos 5 anos, foi enviada para um convento beneditino. Engajou-se no movimento da Reforma e casou-se com Lutero em 1525. A união foi essencial para o fortalecimento da Reforma. Juntos, tiveram seis filhos.

**“Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta.”
(Hebreus 12,1)**

REVa. DRa. SHERRON KAY GEORGE

Missionária norte-americana, chegou ao Brasil em 1972. Atuou nas cidades de Dourados (MS), Manaus (AM), Campinas (SP) e Londrina (PR). É bacharel em Educação Cristã pelo Belhaven College, teóloga pelo Columbia Theological Seminary e pastora ordenada pela Presbyterian Church of the United States PC(USA). É autora de diversos livros, como *Better Together: the Future of Presbyterian Mission*, lançado em 2010.

■ APÓSTOLAS E EVANGELISTAS

A palavra “apóstolo” no grego significa “enviado”, ou seja, “missionária” ou “missionário”. No Grande Século Missionário, o XIX, as igrejas do Hemisfério Norte enviaram muitas pessoas ao sul. Esposas de missionários e algumas mulheres solteiras se destacaram. **Amy Carmichael**, de ascendência escocesa, por exemplo, se destacou pelo trabalho na Índia. Elas evangelizaram em casa, na rua, no mercado, na escola. A presbiteriana norte-americana Mary Chamberlain veio com seu esposo para São Paulo e começou em seu próprio lar uma pequena escola, que se tornou o Colégio Presbiteriano Mackenzie.

■ MESTRES, TEÓLOGAS E ESCRITORAS

Muitas mulheres ensinam crianças, adolescentes, mulheres e homens nas igrejas, conforme seus dons. A britânica **Sarah Poulton Kalley** organizou a Escola Dominical no Brasil, em 1855, e produziu o primeiro hinário protestante aqui, *Salmos e Hinos*, em 1861. No meu ministério educacional no Brasil ensinei para todas as faixas e nos seminários e escrevi livros. Há muitas mulheres na América Latina na liderança de seminários teológicos, como a cubana Ofélia Ortega e Elsa Tamez, a bibliçista mexicana.

■ PASTORAS

A contribuição e hermenêutica da perspectiva e personalidade feminina é



Amy Carmichael (1867-1951) foi uma missionária presbiteriana que serviu durante 55 anos na Índia. (à esquerda)

essencial para complementar e completar o ministério masculino, e vice-versa. Em termos de sensibilidade feminina, a administração dos sacramentos é natural para a mulher, que tem muito jeito em servir a mesa e banhar crianças nas águas. A pastora e mestra Shirley Proença é um belo exemplo disso. A presbítera Eleni Rangel, a primeira mulher na mesa executiva da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, se destacou na liderança do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai).

■ DIACONISAS NA AÇÃO SOCIAL E DIACONIA

A Igreja Presbiteriana Independente de Brasil ordena diaconisas desde os anos 1930. Atender as pessoas necessitadas, ou seja, exercer a diaconia, é outra atividade ou dom corriqueiro para mulheres. Há muitos exemplos de ministérios profícuos de diaconia na Ipb, por exemplo a diaconisa Cássia Ciano na Igreja Presbiteriana Betel. Trabalhei com a enfermeira líder ao lado de Dona Loide Bonfim, diaconisa que atuou na Missão Caiuá. ■

Sarah Poulton Kalley (1825-1907) foi uma missionária britânica que atuou no Brasil. Traduziu para o português o hinário *Salmos e Hinos*. (à direita)



A família de Martinho Lutero e Katharina von Bora. Pintura de 1875 (aproximadamente), de Gustav Spangenberg

IDENTIDADE REFORMADA

Os presbiterianos são um povo típico da Reforma do século XVI, honra que dividem só com os luteranos. Outros, como batistas, anglicanos e metodistas, são da meia Reforma (anglicanos), de movimentos anteriores ou paralelos (batistas) ou da pós-Reforma (metodistas). Da Reforma de Genebra saiu a Igreja Presbiteriana da Escócia, de onde partiu para o mundo todo. Hoje, juntamente com os reformados em geral e com os congregacionais, formamos uma família mundial, cujos pais espirituais são Calvino, Zwinglio e Knox.

Presbiterianos são todos os que, no mundo, assumem o nome de presbiterianos, assim como, por extensão, os que se originam diretamente da obra desses reformadores e sustentam, de alguma forma, os grandes documentos (confissões, credos e declarações) oriundos da tradição da Reforma de Genebra. Alguns desses documentos, como o Catecismo de Heidelberg, a Confissão de Fé Escocesa (subst. em 1560) e a Confissão de Westminster, constituem verdadeiros monumentos da fé cristã. Fundamentos teológicos da Reforma, as *Institutas* de Calvino, são a principal obra teológica sistemática do movimento.

Sob esse prisma, não é difícil identificar as igrejas presbiterianas. Ao contrário, elas parecem possuir elementos identificadores que tornam possível a existência de um elo mundial: a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (Amir), em muitos lugares chamada simplesmente de Aliança Mundial Presbiteriana.

O presbiterianismo está embutido no amplo sistema de pensamento teológico conhecido por calvinismo, que influenciou todas as áreas da Reforma, exceto as luteranas. Mas a influência do calvinismo não se limitou. Avançou por todos os campos do pensamento e da atividade humana, principalmente na política, na economia e na educação. O mundo moderno seria bem diferente sem Calvino.

O presbiterianismo está embutido no amplo sistema de pensamento teológico conhecido por calvinismo, que influenciou todas as áreas da Reforma, exceto as luteranas.

GRAVURA DE JOÃO CALVINO (à direita)
De autoria de René Boyvin, de 1562, é parte do acervo da Biblioteca de Genebra

REV. ABIVAL PIRES DA SILVEIRA*

Nasceu em Bofete, estado de São Paulo, em 12 de abril de 1939. Graduou-se na Faculdade Teológica de São Paulo e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Fez pós-graduação no Union Theological Seminary, Nova York, EUA. Foi professor de filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi ordenado pastor da IPI em 1962. Foi presidente do Supremo Concílio da IPI, presidente da Aliança das Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina (Aipral) e vice-presidente da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (Amir). É pastor emérito da Catedral Evangélica de São Paulo.

***Este texto tem coautoria do Rev. Dr. Antonio Gouvêa Mendonça (in memoriam).**



■ ALGUNS TRAÇOS DO PRESBITERIANISMO

Toda a base da grande construção de pensamento religioso chamado genericamente de calvinismo está no grande movimento da Reforma, que é a Instituição da Religião Cristã, de Calvino. É reconhecida a paridade, na importância, entre as Institutas, de Calvino, e a Summa Teológica, de Tomás de Aquino. Ambas construíram universos de pensamento e ação.

■ OS TEXTOS

O rigor intelectual de Calvino e a lógica vigorosa de seus escritos têm levado muitos a atribuir ao calvinismo um excesso de fria racionalidade à espiritualidade e à piedade. Frequentemente, Calvino perde terreno, nesse aspecto, para Lutero. Lutero, mais fogoso e vibrante e menos sistemático, teria introduzido na Reforma aquela espiritualidade e piedade recebidas dos grandes místicos como Tauler, Kempis e do autor anônimo da Teologia Germânica. Realmente, isso aconteceu com Lutero. No entanto, não é justo imputar a Calvino e ao calvinismo a racional frieza da sua sistemática. Ao contrário, nela aqueles elementos grandiosos de sua teologia, como a

majestade e a soberania de seus e a eleição, conduzem o crente constantemente à atitudes de temor, adoração e gratidão diante do seu criador.

A piedade e a elevada espiritualidade de Calvino partiam da pergunta que ele fazia a si mesmo: *“Que quer Deus de mim, da Igreja e da humanidade?”* (Mackay, p. 31). Mackay fala do “emblema de Calvino”, em que uma mão voltada para cima aperta um coração em chamas. De fato, Calvino pouco menciona suas experiências espirituais, ao contrário de outros líderes e reformadores. Mas Calvino, sendo um dos grandes humanistas, tinha a mente e os sentimentos voltados para a glória de Deus.

A piedade do calvinismo se expressa de maneira magnífica na vida religiosa. No culto, quando os crentes se voltam para a glória e a majestade de Deus, em adoração simples mas solene, como atestam as propostas litúrgicas de Calvino e seus companheiros, assim como das igrejas que foram surgindo com o avanço da Reforma Calvinista, por exemplo, a Liturgia Escocesa associada a John Knox, da qual muito se aproxima o Diretório de Culto de Westminster. Recomendo, quanto ao culto presbiteriano, a leitura do livro do Dr. Carl Hahn, *História do Culto Pro-*

testante no Brasil, p.98. Nas liturgias da tradição calvinista, a pequenez do homem se eleva até a glória e majestade divina através da adoração. Talvez seja por isso que o grande reformador deu primazia ao cântico dos Salmos, hoje esquecidos pelas nossas igrejas. A piedade calvinista ganha expressão também na vida. A projeção da mentalidade calvinista na vida implica a piedosa preocupação de que tudo implica a glorificação de Deus. Desse modo, como diz John Mackay, *“na estrutura e organização do presbiterianismo há ordem e flexibilidade, mas não absolutismo inflexível... a estrutura da Igreja é para a vida da Igreja”* (O Sentido Presbiteriano da Vida, p. 173)

Esse misto de ordem e flexibilidade é que permite a manutenção do grande lema da Reforma: *“Igreja Reformada sempre se reformando”*. A vida exige flexibilidade, mas a ordem chama a atenção para os princípios permanentes fundantes. A Reforma constante exige preocupação com o que é fundamental e o que é secundário. A vida é muito mais ampla e permanente do que doutrinas circunstanciais. O espírito do calvinismo sempre nos chama a atenção para essa questão fundamental.

DESTAQUE NO VITRAL

(à direita)
A figura de John Knox em detalhe de vitral da Catedral de Santo Egdio, em Edimburgo, na Escócia

O rigor intelectual de Calvino e a lógica vigorosa de seus escritos têm levado muitos a atribuir ao calvinismo um excesso de fria racionalidade à espiritualidade e à piedade. A projeção da mentalidade calvinista na vida implica a piedosa preocupação de que tudo implica a glorificação de Deus.



■ PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS

Desde a congregação local até a Assembleia-Geral, o presbiterianismo é um modelo de democracia, cujo poder se concentra no povo e dele emana. Num sistema representativo, não há poder centralizado em pessoas, nem em grupos. Toda vez que isso acontece, a usurpação está presente.

A estrutura eclesiástica, isto é, a ordem presbiteriana, não constitui fim em si mesma, nem tampouco existe por si mesma. Ela existe para a comunidade que constitui a Igreja. Esse gênio do presbiterianismo sustenta três princípios fundamentais: a Igreja deve cumprir seu fim sob a supremacia de Deus, os direitos dos leigos e a solidariedade humana devem ser mantidos a todo custo, e o direito divino do povo deve estar acima dos direitos do rei, quer dizer, dos que estão investidos em cargos. *“A estrutura da Igreja é para a vida da Igreja”* (Mackay).

■ MENTALIDADE TEOLÓGICA

Os presbiterianos, além daqueles traços característicos dos cristãos, compondo igrejas cristãs, apresentam as marcas próprias da sua experiência histórica e perspectiva teológica. Podemos falar numa mentalidade presbiteriana, num espírito presbiteriano, algo misterioso e abscondito que faz com que os presbiterianos e os demais membros da família reformada se entendam rapidamente mesmo divididos. Por trás das divisões está aquele espírito indefinível.

O espírito é indefinível, mas podemos, com esforço, encon-

trar alguns elementos componentes desse espírito.

1) Paixão pela verdade, isto é, um esforço constante para expressar intelectualmente o conteúdo da sua fé. Herdamos isso de Calvino. Ao contrário de Lutero, que fincava o pé no fator subjetivo da fé. Calvino viu-se enfrentando a objetividade da graça. De um lado, vemos o pietismo alemão, e de outro a lógica de um poder irresistível e superior, mas totalmente outro. Mas Deus, por meio do Espírito, ilumina constantemente a razão, que, a partir daí, produz demonstrações e argumentos. Mas não podemos nos esquecer que antes da fria razão está o calor do Espírito. Assim testemunha Calvino em muitos lugares da sua extensa obra. Para Calvino, a obra da graça se projeta no mundo para a edificação do reino através da obra que os homens devem realizar.

2) Lealdade aos símbolos de fé é outro traço dos presbiterianos, em todas as partes do mundo, sem que adotem uma declaração comum de fé. Talvez seja por isso que os reformados em geral tenham produzido historicamente o maior número de declarações e confissões de fé. A Igreja Presbiteriana é confessional, o que quer dizer que sua forma de fé não emana de autoridades locais, mas de símbolos, adotados de acordo com a herança reformada.

Historicamente, a Confissão de Fé de Westminster, assim como seus catecismos, tem sido a base constitucional das Igrejas Presbiterianas ao redor do mundo. Mas de nenhuma maneira a Confissão ou declaração de fé é vista pelos presbiterianos como superiores às

Escrituras, assumindo o lugar destas. São, para os crentes, sumas, sistematizadas da fé, e, para os ministros e demais oficiais, documentos de responsabilidade teológica. É por isso que as igrejas introduzem nos votos de ordenação de oficiais os elementos da Confissão de Fé que eles devem aceitar, pois estão assumindo os privilégios e as responsabilidades de uma Igreja confessional.

3) Responsabilidade teológica e reforma constante são outros traços das igrejas presbiterianas. Se os presbiterianos estão sempre ligados à declaração de fé, como sustentar o princípio consagrado de reformar-se para ligar-se à vida? São as confissões e as declarações intangíveis? Essa é uma discussão que tem historicamente agitado as igrejas presbiterianas e provocado cismas entre presbiterianos em todos os lugares do mundo. No entanto, o espírito reformado de responsabilidade da Igreja perante a vida deveria ser mantido através dos ajustamentos das confissões e declarações às circunstâncias novas e aos contextos histórico-sociais das igrejas, não perdendo de vista a herança legada pela Reforma, mantendo o espírito e unidade. Nesse ponto, aquela mentalidade teológica própria dos presbiterianos, que busca incessantemente a verdade, que cria a verdade a todo momento, deve ser sustentada contra toda cristalização dogmática que extingue a vida pela geração da estagnação e intolerância.

Portanto, quando as igrejas reformadas do passado produziram aqui e ali seus símbolos de fé, estavam assumindo aquela responsabilidade teo-



REFORMADORES EM GENEBRA

No monumento, da esquerda para a direita: Guillaume Farel, João Calvino, Teodoro de Beza e João Knox



lógica própria do seu espírito e tradição. Não há porque não mantermos vivos esse espírito e essa responsabilidade.

■ VÍTIMAS DAS PRÓPRIAS VIRTUDES

O clarão do tiro que Lutero deu em 31 de outubro de 1517 foi somente o marco de um intenso movimento sociopolítico e religioso que, iniciado séculos antes, avançou por pelo menos três séculos seguintes e continua até hoje. A Reforma não terminou. Mas, do estrondo, da fumaça e do clarão do tiro de Lutero foram surgindo figuras exponenciais da Reforma, entre elas, a relevante figura de Calvino. Embora correndo o risco de simplificar um pouco o movimento da Reforma, pode-se dizer que, sob o ponto de vista teológico, ela se subdividiu em duas grandes vertentes: a Luterana, firmada em um só documento teológico, a Con-

fissão de Augsburg (1530), manteve identidade mais firme, e a calvinista, que atingiu a todos os demais produtos da Reforma, das mais variadas maneiras. O pensamento calvinista, assumido por grupos anteriores e posteriores à Reforma, sofreu muitas modificações, sendo a mais importante delas, sob o ponto de vista da sua influência e expansão, a arminiana ocorrida na Holanda e assumida mais tarde, já um tanto modificada, pelo metodismo.

Qual seria a razão dessa sina divisionista e multiplicadora do calvinismo original? Seria a sua riqueza e vigor, ou uma possível debilidade de pensamento? Muitos poderiam entender que a tendência do calvinismo de sofrer mudanças e ajustes constitui fraqueza conceitual e sistemática. Mas um sistema de ideias consistente e forte, ao contrário, é capaz de

O pensamento calvinista, assumido por grupos anteriores e posteriores à Reforma, sofreu muitas modificações, sendo a mais importante delas, sob o ponto de vista da sua influência e expansão, a arminiana ocorrida na Holanda e assumida mais tarde, já um tanto modificada, pelo metodismo.

gerar correntes divergentes e influenciar o mundo de várias maneiras, a exemplo de correntes filosóficas como o cartesianismo, o kantismo e, principalmente, o hegelianismo. O calvinismo constituiu um dos grandes paradoxos da história do pensamento: sua força e grandeza se traduzem em vulnerabilidade para a fragmentação.

Poderíamos dizer, então, que os presbiterianos são vítimas das próprias virtudes.

■ A QUESTÃO DA ORTODOXIA

Essa questão se coloca em todas as escolas de pensamento e, portanto, não poderia deixar de acontecer, com razão, na teologia, em que se procura expressar simbolicamente a fé através de sistemas. O cenário de ortodoxia *versus* heterodoxia instalou-se desde cedo no luteranismo, dividindo-o em dois grandes grupos mundiais, ao passo que no calvinismo várias ortodoxias diferentes produziram extensa fragmentação ao ponto de muitos entenderem ser impossível voltar ao calvinismo original. Não cabe agora discutir essa questão, mas tecer algumas rápidas considerações a respeito da ortodoxia.

Modernamente, a que mais diz respeito a nós, presbiterianos brasileiros, é a ortodoxia representada pela fundação do Seminário de Princeton, em 1812. Os grandes desafios para a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos eram, de um lado, a teologia arminiana-metodista, que avançava através dos movimentos de avivamento,

e a grande controvérsia deísta que viera do século anterior. Na realidade, um sermão de Archibald Alexander pregado perante a Assembleia-Geral, em 1808, incendiaria os corações com a necessidade de preparar ministros que lutassem contra o erro, a infidelidade, o racionalismo e o "entusiasmo". O plano para o Seminário de Princeton era a volta à ortodoxia calvinista através do conhecimento positivo das escrituras, da defesa da Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos e do preparo dos estudantes para a defesa da fé. Embora as razões do plano sejam compreensíveis dadas as circunstâncias da época (humanismo arminiano-metodista, "entusiasmo", unitarismo, deísmo etc.), o fato é que a teologia de Princeton, formadora dos primeiros missionários que vieram para o Brasil, transformou-se num baluarte de ortodoxia que mais tarde abriu caminho para o fundamentalismo.

■ ALGUNS PROBLEMAS DA ORTODOXIA

A ortodoxia é uma faca de dois gumes: se de um lado ela coloca bases sólidas na tradição, de outro ela inibe o progresso e desenvolve fatores de intolerância e extremismos. Como as igrejas presbiterianas são confessionais por valorizarem os símbolos de fé (confissões, declarações, catecismos), estão sempre correndo o risco de que estes se transformem em fontes de intolerância e inibam a reflexão teológica criativa. Em muitos casos, esses símbolos de fé

assumem o lugar da sua própria fonte, que é a *Bíblia*. As doutrinas tornam-se mais importantes do que a vida.

■ A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Apesar de forte tradição e presença na cultura, os presbiterianos sofrem de crise de identidade. A rigidez dogmática e a tendência para a intolerância geram divisões e, conseqüentemente, multiplicidade de nomes que geram confusão para os de fora. Há pelo menos dois tipos de divisão que gostaria de salientar. Primeiro, uma divisão oriunda da intolerância, seja por questões de política eclesiástica, seja por conflito entre conservadores e liberais.

Não há necessidade agora de levantar nomes e eventos históricos; eles são conhecidos. Segundo, divisões conseqüentes de tendências a mudanças que desfiguram a tradição presbiteriana, principalmente as tendências pentecostais.

CATEDRAL PRESBITERIANA DO RIO DE JANEIRO (à direita)

A primeira igreja presbiteriana do país, fundada em 1862 por missionários norte-americanos

■ PRESBITERIANOS NO BRASIL

No país, temos hoje as seguintes igrejas presbiterianas:

- Igreja Presbiteriana do Brasil
- Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
- Igreja Presbiteriana Conservadora
- Igreja Presbiteriana Unida do Brasil
- Igreja Presbiteriana Fundamentalista
- Igreja Presbiteriana Renovada

Há outras pequenas Igrejas Reformadas de caráter étnico e linguístico, como a holandesa, húngara, suíça, árabe, coreana e chinesa. Basta olhar os nomes dessas igrejas presbiterianas para perceber as possibilidades de diálogo entre umas e outras.



■ ORDEM E DISCIPLINA

Por serem igrejas confessionais e portadoras do espírito disciplinador do calvinismo de Genebra, as presbiterianas são igrejas da ordem, isto é, são portadoras de constituições claras e definidas, geralmente acompanhadas de códigos de disciplina. Tanto uma como a outra coisa regulam a vida eclesiástica em geral, institucional e conciliar, assim como a vida das pessoas. A ordem e a disciplina estão para a vida, e não a vida para a ordem e a disciplina.

No entanto, com frequência as igrejas presbiterianas radicalizam-se nessa questão, tornando-se intolerantes ou um tanto frouxas. Já sabemos os resultados das posturas radicais na vida das nossas igrejas, mas o afrouxamento da

disciplina tem nos conduzido a progressivo congregacionalismo, assim como à deterioração das relações ministeriais e conciliares.

■ PAIXÃO PELA VERDADE

Já dissemos que Calvino, perante a majestade inteiramente outra de Deus, encontrara um critério objetivo de verdade. A “mais pura doutrina” a que Calvino se refere em seus comentários bíblicos está na manifestação de Deus por meio de Cristo na mente e pela iluminação do Espírito (Mackay). Esse triângulo formado pelas pessoas divinas, pelas Escrituras iluminadas e pela mente humana geram a verdade, criam e recriam a verdade a cada momento. Portanto, a paixão pela verdade não tem como objetivo doutrinas cristaliza-

das, mas essa verdade que brota e se renova sempre a partir da experiência humana objetivada em Deus e na sua Revelação.

■ MISSÃO EM UNIDADE: UM CHAMADO ÀS IGREJAS REFORMADAS

Embora trabalhando com preocupações muito gerais quanto à Missão em Unidade, o Documento do Encontro realizado no Centro John Knox, em Genebra, de 26 a 29 de maio de 1991, ao realçar as causas de desunião e os projetos de mútua colaboração entre as igrejas, dadas como exemplos as da Coreia do Sul, Nigéria e Brasil, aponta para realidades e necessidades muito concretas.

Após algumas reflexões teológicas sobre a glória de Deus que deve ser expressa



na *koinonia* (comunidade) local, universal e mundial, lamentavelmente desencadeada pela desunião da família reformada, o Documento aponta para duas necessidades importantes, a fim de que essa ampla comunhão possa ser buscada. Primeiro, local e regionalmente, as igrejas busquem ajustes à cultura, sem perder de vista a tradição, naturalmente, a fim de projetarem-se fora de si mesmas, evitando condutas de autoadoração. Segundo, reagir contra as grandes divisões entre as Igrejas Reformadas por intermédio de um novo engajamento na missão no seu sentido mais amplo. Tendo em vista esse segundo ponto, o Documento traz algumas sugestões: superar as diferentes formas de compreensão da missão, estabele-

lecer familiaridade entre as diversas igrejas, programar, a partir dos contatos e conhecimento mútuo, formas de colaboração na missão.

A partir de experiências ao redor do mundo, o Documento enfatiza que o ponto de partida para qualquer programa de cooperação tem de passar por um processo de aproximação prévia entre as igrejas, na busca da superação de barreiras, desconfianças, desconhecimentos e preconceitos.

Na sua III Parte, o Documento traz sugestões para a aproximação entre as Igrejas Reformadas no Brasil especificamente. São três as sugestões: recuperação da tradição, iniciação de um processo de reflexão teológica alicerçada na situação e na experiência dos pobres e

desenvolvimento de formas litúrgicas que expressem as necessidades e as esperanças materiais e espirituais do povo.

Nessas sugestões do Documento estão presentes necessidades básicas não somente das Igrejas Reformadas, mas de todo o “exausto” protestantismo brasileiro. Mas o desafio é dirigido a nós, presbiterianos e reformados brasileiros, para que, voltando os olhos para a tradição, visualizemos o futuro, pondo em prática o princípio da Reforma contínua. Porém, é necessária também uma reflexão teológica contextualizada e livre das formas que nos são impostas de fora, embora sem nenhuma xenofobia, e que se expressem da mesma forma em propostas litúrgicas que façam ponte entre o pensamento e a vida. ■



CRUZ CELTA (à esquerda) Vista da nave da Catedral Evangélica de São Paulo. A Cruz Celta, símbolo do lema da Reforma, foi instalada por ocasião do sesquicentenário da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo

Por serem igrejas confessionais e portadoras do espírito disciplinador do calvinismo de Genebra, as presbiterianas são igrejas da ordem, isto é, portadoras de constituições claras e definidas, geralmente acompanhadas de códigos de disciplina.

COMO A REFORMA PROTESTANTE CHEGOU ATÉ NÓS NO BRASIL

A história do Brasil praticamente começou paralelamente ao período da Reforma luterana e às décadas seguintes, quando ocorreu a reação católica, conhecida como “contrarreforma”, com a fundação da Companhia de Jesus (1540) e a realização do Concílio de Trento (1545-1563). Portanto, quaisquer aproximações da Reforma Protestante com as colônias portuguesas e espanholas na América somente seriam possíveis com o apoio das armas.

Houve pelo menos duas tentativas frustradas de introdução pelas armas, no Brasil, das ideias e práticas religiosas pregadas pelo reformador alemão Martinho Lutero (1483-1546) e pelo reformador suíço, nascido francês, João Calvino (1509-1564). Ambas estão associadas a interesses, situações políticas e econômicas da França (1555-1565) e da Holanda (1624-1654). Durante a invasão francesa, Calvino mandou vir da Europa alguns pastores numa tentativa de Villegnon impor moral na colônia. Possivelmente Calvino sonhava com a criação de uma colônia francesa no Novo Mundo, onde os protestantes franceses não seriam perseguidos. Porém, o próprio chefe da expedição acabou por mandar matar os pastores reformados, lançando seus corpos na Baía da Guanabara.

Os holandeses por sua vez, durante os 30 anos de ocu-

pação de uma parte do Nordeste brasileiro, chegaram a fundar um Sínodo de igrejas reformadas, composto de 22 congregações locais. O melhor livro existente sobre as relações do protestantismo com a invasão holandesa foi escrito pelo missionário holandês no Brasil, ainda vivo, Frans Leonard Schalkwijk. Mas o protestantismo reformado foi eliminado do Brasil, restando apenas uma comunidade de indígenas convertidos, que se refugiaram nas selvas. A partir da expulsão dos holandeses, Portugal praticamente blindou a colônia de influências religiosas estranhas.

A situação somente mudou no começo do século XIX, quando a família imperial fugiu para o Brasil. Uma vez instalados o rei, a família imperial e os milhares de funcionários no Rio de Janeiro, os ingleses que haviam mobilizado milhares de navios para o trans-

Durante a invasão francesa, Calvino mandou vir da Europa alguns pastores numa tentativa de Villegnon impor moral na colônia. Possivelmente Calvino sonhava com a criação de uma colônia francesa no Novo Mundo, onde os protestantes franceses não seriam perseguidos.

REV. DR. LEONILDO SILVEIRA CAMPOS

Pastor jubilado do Presbitério de São Paulo, professor de pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

porte apresentaram a conta. Portugal foi obrigado a abrir os seus portos para as “nações amigas”, isto é, para os interesses econômicos, políticos e religiosos dos ingleses. Começava-se a romper o bloqueio político, racial e religioso imposto pelos portugueses há cerca de três séculos. A partir de então (1808) começaram a desembarcar em portos brasileiros comerciantes e imigrantes, muitos deles não católicos e que exigiam um tratamento diferenciado para a prática de sua religião.

O Brasil passou a receber também imigrantes alemães em várias partes do país, principalmente no Sul. Muitos deles eram protestantes e começaram a organizar, às suas próprias custas, igrejas e entidades culturais nas colônias do Sul. A partir dos anos 1830 as missões norte-americanas enviaram alguns missionários encarregados de conhecer melhor a realidade brasileira, com o objetivo de introduzir a mensagem reformada não somente na língua de seus pa-

trícios, mas também em língua portuguesa. Todavia, as primeiras comunidades resultantes do espírito missionário surgiram após a chegada de Robert Kalley (1855) e do missionário presbiteriano Asbhel G. Simonton (1859). Mais um passo seria dado no fim da década seguinte com a chegada de imigrantes norte-americanos fugidos da guerra civil ocorrida naquele país, que ocuparam a região de Santa Bárbara d'Oeste (SP). Ali surgiram a primeira Igreja Metodista e a primeira Igreja Batista, embora com os cultos em inglês.

No Sul do país, começaram a florescer as primeiras comunidades luteranas, embora tenham se limitado ao culto prestado a Deus em língua alemã. As duas primeiras igrejas presbiterianas brasileiras, a do Rio de Janeiro (1862) e a Independente de São Paulo (1865), iniciaram as suas atividades há pouco mais de 150 anos. No entanto, já funcionava desde 1855, no Rio de Janeiro, a comunidade iniciada pelo missionário e médico

congregacional Robert Kalley e sua esposa, a musicista, Sarah Kalley. A Igreja Presbiteriana de São Paulo deixou a denominação presbiteriana em 1903 e se organizou como Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. Àquela altura havia se passado 348 anos após o dia 31 de outubro de 1517.

As comemorações dos 500 anos da Reforma nos levam ao uso de imagens como “família reformada”, “herança reformada”, ou “legado reformado”. Mas quem são esses herdeiros, que trajeto essa herança percorreu até chegar a nós e que conteúdo dessa herança conseguiu chegar até o Brasil?

A compreensão da trajetória do movimento reformado, da Europa para a América do Norte, e de lá para o restante do continente, incluindo o Brasil, seria mais fácil se não houvesse verdadeiros maremotos a agitar as águas da cultura e da civilização ocidental. A propagação da Reforma na Europa e em outros continentes foi marcada por guerras políti-

**DESEMBARQUE
DE PEDRO
ÁLVARES
CABRAL EM
PORTO SEGURO
(BA), EM 1500**

Oscar Pereira da
Silva (1865-1939)



cas e religiosas, perseguições, massacres, num ritmo que coincidia com as variações dos interesses econômicos de diversas nações europeias.

Para complicar ainda mais essa trajetória até o Brasil houve uma multiplicidade de protestantismos, em que uns mais e outros menos se consideram "legítimos" herdeiros da Reforma Protestante. Mas o que é o protestantismo? Dois estudiosos franceses, Jean Bauberot e Hubert Bost (em Gidel, *Encyclopedie du Protestantisme*, 1995:1212), assim escreveram: "O protestantismo é uma família teológica, espiritual e ética do cristianismo, saída da Reforma do século XVI". A imagem é boa, pois, "família" e "herança" são termos que trazem, muitas vezes, as marcas dos conflitos e a tentativa de afastar os falsos herdeiros, ou simplesmente de aumentar o seu próprio quinhão.

Neste texto nos referimos a "protestantes históricas", frutos das missões, e aos "protestantes de imigração". Cada um deles trouxe para o Brasil formas próprias da herança reformada. A formatação seguida pelos missionários foi o denominacionalismo, forma consagrada na Inglaterra e nos Estados Unidos por presbiterianos, congregacionais, metodistas, luteranos e batistas, entre outros mais. Porém, todos os grupos religiosos protestantes que cresceram no Brasil, especialmente nas últimas décadas, optaram pelo nome de "evangélico", incluindo-se nele os pentecostais que chegaram após 1910 em São Paulo e Paraná, e em 1911 em Belém (PA). São esses os que mais crescem, e nem sempre

são vistos pelos demais herdeiros com bons olhos.

Há, no entanto, uma discussão entre os estudiosos da religião sobre as possíveis mudanças inseridas no movimento reformado nessa passagem de um país e de uma cultura para outra. Por exemplo, os reformados que seguiram a linha de Calvino levaram a sua teologia, formas de culto e de organizar a comunidade cristã de Genebra para a Holanda, para a Escócia e Irlanda, e desses países para os Estados Unidos. De lá para o Brasil. Temos, portanto, uma herança reformada calvinista de terceira ou quarta mão. É difícil não haver adaptações culturais.

De semelhante modo há no Brasil dois tipos de luteranos, e ambos enfatizam a herança luterana — os luteranos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IELCB), que é mais ecumênica e aberta do que a outra, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELBA), mais conservadora, trazida por missionários norte-americanos do Sínodo de Missouri.

Infelizmente, ainda há muita disputa entre as várias denominações protestantes no Brasil. Os esforços de unificação empreendidos desde o

Congresso do Panamá (1916), passando pela fundação da Confederação Evangélica do Brasil (1934), incluindo-se nesse período tentativas de se praticar o ecumenismo, tudo tem desaguado no esforço de cada uma delas de buscar as suas características fundantes ou a sua identidade. Esse clima de pluralismo, de competição, tem gerado conservadorismos e posições fundamentalistas, em que praticamente se afirmam que a verdade está com a nossa denominação, pois somente ela é a melhor intérprete da herança cristã reformada.

Por outro lado há denominações que se dizem protestantes, reformadas ou herdeiras de Lutero ou de Calvino que se entregam a práticas mágicas, supersticiosas, ou de concentração de poder em um só homem ou mulher, enfraquecendo alguns itens preciosos da herança reformada, como o sacerdócio universal dos crentes, autoridade da Bíblia, salvação pela fé e pela graça, e outros pontos valorizados por Lutero, Calvino, Zwinglio, e outros reformadores menos conhecidos. Somos herdeiros zelosos do legado reformista do século XVI? ■

Há denominações que se dizem protestantes, reformadas ou herdeiras de Lutero ou de Calvino que se entregam a práticas mágicas, supersticiosas, ou de concentração de poder em um só homem ou mulher, enfraquecendo itens preciosos da herança reformada.

Um presente para São Paulo!

Em 2018, São Paulo terá mais um órgão de tubos disponível para a população. Convênio assinado entre a Catedral Evangélica de São Paulo, a Universidade de São Paulo e a Fundação Mary Harriet Speers possibilitará a instalação de um órgão de tubos da marca Gerhard Grenzing no templo da Catedral, situado no centro da capital paulista. O convênio prevê a possibilidade de realização de concertos, formação de músicos profissionais e ensino para estudantes desse instrumento. O novo órgão tem 5 corpos, mais de 3.400 tubos, 11 foles, 4 teclados, 32 notas de pedais, e será o primeiro da marca na América do Sul.

Mais educação e arte para a cidade!

O ESPÍRITO REFORMADOR DOS REFORMADOS¹

Há uma grande expectativa e movimentação no cenário religioso mundial, especialmente no universo chamado protestante. A razão dessa movimentação se dá em virtude da comemoração dos 500 anos da Reforma. Ao afixar suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517, na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, Martinho Lutero faz com que a rachadura no interior da Igreja Católica Romana, que se arrastava a décadas, seja finalmente rompida.

A Reforma não acontece de uma hora para outra. A Europa já vivia um momento bastante delicado, em um contexto social extremamente conturbado. O movimento reformista cristão irrompe com os reformadores no século XVI, porém, encontramos as marcas da Reforma dentro da história da própria Igreja.

Uma dessas marcas é a inquietação que movia o coração tanto dos chamados reformados quanto dos pré-reformados (todos aqueles que antecederam a Reforma do século XVI). Diante desse sentimento, cabe-nos uma pergunta inquietante: “Comemoraremos 500 anos **DE** Reforma da Igreja Cristã, ou 500 anos **DO** início da Reforma Cristã?”. Explico. Estamos celebrando agora, em 2017, 500 anos de uma Igreja que está em constante reforma, dinâmica e, como organismo vivo, transformando-se dia após dia à imagem e semelhança do Filho no E(e)spírito da Reforma, ou apenas celebraremos cinco centenas de anos de um evento histórico ocorrido no século XVI?

Estamos celebrando agora, em 2017, 500 anos de uma Igreja que está em constante reforma, dinâmica e, como organismo vivo, transformando-se dia após dia à imagem e semelhança do Filho no E(e)spírito da Reforma, ou apenas celebraremos cinco centenas de anos de um evento histórico ocorrido no século XVI?

REV. DR. RICARDO BITUN

Possui graduação em Teologia pelo Seminário Bíblico de São Paulo (1987), graduação em ciências sociais pela Universidade São Marcos (1993), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1996) e doutorado em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). Atualmente é adjunto da Universidade Presbiteriana Mackenzie e coordenador do curso de pós-graduação do Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É pastor da Igreja Evangélica Manaim.

1 Texto extraído do capítulo 3 - Breves considerações sobre a Reforma Protestante e seu caráter profético nos dias de hoje, do livro *A Reforma Protestante: História, Teologia e Desafios*. Ricardo Bitun (org.)

PEDRO VALDO

(c. 1140 –
c. 1220)
Estátua
do pré-
reformador
em Worms,
na Alemanha.
Comerciante
rico francês,
largou a
fortuna
e reuniu
seguidores



Caso a resposta seja 500 anos de Reforma, a pergunta que se impõe logo em seguida é: “Nós, como Igreja brasileira, pensando em Igreja não como o lugar para onde vamos, mas sim o que somos, esta Igreja, Igreja Reformada Evangélica, tem se inconformado com a atual situação de nossos dias? Ela tem estado inquieta com os problemas que afligem nosso próximo? Sejam próximos de longe ou próximos de perto.

Temos sido, como Igreja Reformada, uma geração, assim como os reformadores de sua época, de cristãos inconformados com as notícias que circulam diariamente pela mídia? Urge com isso, então, uma outra pergunta caso se entenda que somos essa Igreja inconformada, inquieta com a situação atual que vivemos: “Fariam uma Reforma levantando qual bandeira exatamente? Por qual ponto começaríamos nossa Reforma?”. Entendendo que o espírito da Reforma é de contracultura, que vai de encontro com o *status quo* iníquo e dominante de sua época, sendo assim, por qual ponto exatamente começaríamos?

Aprofundando um pouco mais nossa reflexão, constatamos que tanto Lutero quanto os pré-reformadores dão continuidade a essa Igreja que

se autoexamina, que está em constante Reforma. A Reforma não é um movimento de ruptura, e sim de continuidade da voz profética que sempre permeou a Igreja e o povo de Deus. A ruptura acontece quando a voz profética não é ouvida e a desobediência é estabelecida. E, por conseguinte, o perigo de o ramo² ser arrancado da oliveira, que continua sempre viva e frondosa, dando continuidade àquilo que foi iniciado desde pentecostes.

Assim, tanto a Reforma quanto os movimentos pré-reformadores³ reivindicavam despertar a Igreja para voltar à proclamação do Evangelho e sua promessa frente à catastrófica e calamitosa existência humana. Em outras palavras, esses movimentos levantavam duas bandeiras principais: o retorno à simplicidade do Evangelho (entenda-se como simplicidade a desburocratização da Igreja, a diminuição de sua excessiva mediação nas situações da vida e o retorno à virtuosa pobreza) e o acesso às Sagradas Escrituras. Em suma, o endireitamento de suas veredas⁴.

Este é o princípio reformado, ou para alguns pós-reformados, de uma Igreja Reformada sempre reformando, “*Ecclesia Reformata et Semper Refor-*

manda Est, que deve permear e transformar nosso cotidiano. Ao falarmos de Reforma, é certo que devemos lembrar seus princípios e fundamentos, ensinados e sobretudo vividos. Porém, deve existir em nós, protestantes, esta voz profética, inconformidade e resistência à institucionalização, ao engessamento estrutural de uma experiência, seja pentecostais, seja históricos. Uma resistência ao aprisionamento de certas interpretações, dogmas e valores que não se sustentam simplesmente pelo fato de que um dia foram bons para a Igreja.

Entendo que o mote *Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est* (de autoria do reformado holandês Gisbertus Voetius, 1589-1676, e parafraseando as Escrituras) deve ser vivo e eficaz em nossos dias. Há quem afirme, e concordamos com isso, que não foi a intenção de Voetius a *ecclesia reformans*, Igreja se reforma a si mesma, mas *ecclesia reformanda*, indicando que o agente da Reforma não é ela própria, mas sim o Espírito de Deus. “E este certamente promove o crescimento e a compreensão das Escrituras a cada nova geração, sem com isso admitir que a verdade muda”⁵.

Não estou, com isso, usando este mote da Reforma aqui

JOHN WYCLIFFE

(à direita)
Retrato do pré-reformador em vitral da Wycliffe College Chapel, em Toronto, no Canadá

2 *Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira, não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, saiba que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. Então você dirá: “Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado”. Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema. Pois se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você.* (Romanos 11, 17-21) (NVI)

3 John Wycliffe (1328 - 1384); John Huss (1373-1415); Jerônimo Savonarola (1452-1498); Os Valdenses; Os Lolardos; Os Albigenses; William Tyndale (1484-1536)

4 Voz do que clama no deserto: “*Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*” (Marcos 1,3) (Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

5 Augustus Nicodemus Lopes. *Tempora mores*. http://tempora-mores.blogspot.com.br/2006/04/sempre-reformando-ou-sempr_1144616276237762560.html



Assim como os reformadores “lembraram” de sua história, do legado deixado por várias gerações de mártires ao longo da caminhada cristã, e avançaram nas questões concernentes ao seu tempo, nós também não podemos correr o risco de ser um povo sem memória.

para legitimar um vale-tudo eclesiológico/litúrgico, muito menos legitimar uma rebeldia juvenil. Como Voetius, creio também que a Igreja deve estar permanentemente sensível a diferentes iluminações advindas do Espírito, à Luz das Escrituras. Experiências novas de vida no caminhar com o Senhor, onde convivermos com transformações, dúvidas e questionamentos. Enfim, olhar para a realidade oferecendo respostas às perguntas que a sociedade tem feito, assim como os reformadores o fizeram, oferecendo respostas que ecoam até hoje, em nossos dias.

Pensando um pouco em nossos dias, surge a pergunta: “Até onde há continuidade na conexão com o espírito profético reformado?” Ou seja, existe uma geração engajada em encarnar essa voz profética da Igreja, dando continuidade às reformas necessárias em seu tempo?

Podemos conectar essa pergunta a uma afirmação feita pelo historiador Eric Hobsbawm: “A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do fim do século XX.

Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso, os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca [...].⁶

Assim como os reformadores “lembraram” de sua história, do legado deixado por várias gerações de mártires ao longo da caminhada cristã, e avançaram nas questões concernentes ao seu tempo, nós também não podemos correr o risco de ser um povo sem memória. Constantemente o Senhor Deus lembrava ao seu povo de onde tinha saído e a razão de ter gerado a ele como nação. “Lembra-te-ás de que foste servo na terra do Egito” (Deuteronômio 15, 15); “Lembra-te destas coisas, ó Jacó, e Israel, porquanto és meu servo; eu te formei, meu servo és, ó Israel, não me esquecerei de ti” (Isaías 44, 21).

Cabe formular, então, as seguintes perguntas: estaríamos também crescendo sem conexão com o nosso passado, com os ideais que os reformadores nos deixaram como legado? Comemorariamos apenas e tão-somente um evento histórico ocorrido em 1517? Estamos ano a ano apenas e

tão-somente lembrando de alguma coisa que aconteceu um dia, mas hoje são apenas lembrança remotas de um passado distante?

À guisa de considerações finais, percebemos que essas inquietações trazidas pela Reforma nos fazem refletir cada vez mais sobre a voz profética ouvida ao longo de toda a história da Igreja pelos profetas de Deus e nossa geração.

Vimos que os reformadores estavam sensíveis às atrocidades espirituais, assim como às sociais. Não lhes passava despercebido o sofrimento do povo. Daí a voz da contestação subir-lhes à garganta. Como disse o historiador: “O verdadeiro escândalo seria se a Igreja pudesse perder a liberdade de contestação do mundo e de si mesma; ela recebeu essa liberdade do Espírito Santo como um dom e um dever. A Igreja nasceu confessante e contestante; ela testemunha a boa-nova da salvação e se choca com as resistências suscitadas pela mensagem das bem-aventuranças. É, portanto, sobre esse ponto que se faz necessário, incessantemente, verificar sua fidelidade e contestá-la, se for o caso: ‘Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se

ABERTURA DO MAR VERMELHO
(à direita)
Óleo sobre tela de Nicolas Poussin, de 1663



lançar fora, e ser pisado pelos homens.” (Mateus 5, 13).

Tanto a vida econômica quanto as reformas sociais propostas por Calvino e reformadores desafiavam a atuação da Igreja em uma reforma integral da sociedade no sentido político, social, econômico e espiritual. Essa atuação implicava, por exemplo, o estabelecimento de regras na produção da riqueza, no atendimento aos pobres, na distribuição equitativa dos bens entre ricos e pobres.

Calvino insistia que a propriedade deveria ser defendida do furto, cabendo ao Estado uma função reguladora da economia, da ordem jurídica, do comércio, da propriedade e da escravidão. Por isso mesmo, a atividade dos banqueiros, dos mercadores, dos que emprestavam dinheiro a juros e as relações entre devedores e credores recebiam uma atenção especial nas ordenanças e na reflexão teológica de Calvino (Campos, 2010)⁷.

Estariamos também, como Igreja, intermediando, ou ao menos denunciando, as relações assimétricas entre devedores e credores? Entre países pobres, endividados, doentes e famintos e países com fortunas incalculáveis, que esbanjam seus recursos em ilhas sociais paradisíacas? A revista norte-americana *Forbes* fez uma pesquisa com empresas de 63 países apresentando as 20 maiores corporações de capital aberto do planeta no ano de 2016. Resultado: das 20 maiores empresas do mun-

do em 2016, 9 são bancos.

Como de costume, depois da crise de 2008, a China, e não os Estados Unidos, domina as primeiras posições do levantamento, estando o ICBC em primeiro lugar, pelo quarto ano consecutivo, o China Construction Bank em segundo lugar, e o Agricultural Bank of China em terceiro. Os Estados Unidos, no entanto, representam ainda a maior quantidade de empresas do ranking, com 586 companhias. A China tem 249 empresas, o Japão 219, o Reino Unido 92 e a Coreia do Sul 67. (*Forbes 2000*)⁸.

Zygmunt Bauman, em sua obra *Amor Líquido: sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* (2013), apresenta em sua perspectiva quanto as misérias e as mazelas do mundo chamado pós-moderno são fomentadas pela busca exacerbada do acúmulo de capital. *“Se há fartura sem medidas na mesa de poucos, há fome voraz no prato de milhões.”*

De acordo com Bauman, a desigualdade humana é hoje, mais do que em eras passadas, estarrecidora, mesmo que se produza um volume muito maior que antes na agricultura e na pecuária. Por que, então, a fome ainda mata milhões de pessoas ao redor do mundo?

Em relação à enorme desigualdade social, Bauman argumenta que *“o padrão de vida em qualquer lugar da Terra nunca era mais que duas vezes superior àquele em vigor na região mais pobre (referindo-se ao período pré-moderno)”*. Em

países como o Catar, a renda per capita é 428 vezes maior que a encontrada em países como o Zimbábue. Abismo *“crescente que separa os pobres e os sem perspectiva abastados”* (Bauman, 2013).

O número de bilionários nos Estados Unidos aumentou 40 vezes nos últimos 25 anos, até 2007, enquanto o total de riqueza dos 400 americanos mais ricos aumentou de 169 bilhões de dólares para 1,5 trilhão de dólares. Depois de 2007, durante os anos de colapso de crédito seguido de depressão econômica e desemprego crescente, a tendência adquiriu ritmo verdadeiramente exponencial: em vez de atingir a todos em igual medida, como era amplamente esperado e retratado, o flagelo se mostrou severo e tenazmente seletivo na distribuição de seus golpes. Em 2011, o número de bilionários nos Estados Unidos alcançou seu recorde histórico até a data chegando a cerca de 1.200, ao passo que sua riqueza combinada cresceu de 3,5 trilhões de dólares, em 2007, para 4,5 trilhões, em 2010 (Bauman, 2013). Diante desses dados, creio que a voz profética da Igreja, ouvida durante a Reforma Protestante de 1531, ressoaria como música de esperança aos ouvidos dos necessitados, enquanto trovoaria na consciência daqueles que a enfrentam.

O Center for American Progress (Centro para o Progresso Americano), com

7 Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Leonildo Campos ao site Amai-vos em 12 de abril de 2010. http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=41&cod_noticia=14589

8 Site da revista Exame (exame.abril.com.br)

A voz profética da Igreja, ouvida durante a Reforma, ressoaria como esperança aos ouvidos dos necessitados, enquanto trovoaria na consciência dos que a enfrentam.

sede em Washington, D.C., apresentou uma pesquisa revelando que durante três décadas a renda média dos 50% na base da escala cresceu 6%, enquanto a renda do 1% no topo cresceu 229%.

Fariamos ressoar mais uma vez a voz da Reforma: “Ninguém quer olhar para baixo. Lá tem pobreza, desonra, miséria, desgraça e angústia. Todo mundo desvia o olhar disso. Todos se afastam de pessoas dessa espécie. Evitam, rejeitam e abandonam essa gente, e ninguém se lembra de ajudar e de trabalhar para que também essa gente seja alguém” (Martinho Lutero).

Pensamos que essas relações de desigualdade crescem e se aprofundam na mesma proporção que a Igreja se distancia da Reforma, ou melhor, dos ecos proféticos que um dia lhe foram outorgados pelo Senhor da Igreja. Os poucos dados apresentados acima certamente deveriam trazer comoção àquela (a noiva) que é sensível às mazelas humanas. E com a mesma coragem que Lutero enfrentou seus inquisidores repetiríamos: *“A menos que você provem para mim pela Escritura e pela razão que eu estou enganado, eu não posso e não me retratarei. Minha*

consciência é cativa à Palavra de Deus. Ir contra a minha consciência não é correto nem seguro. Aqui permaneço eu. Não há nada mais que eu possa fazer. Que Deus me ajude. Amém”.

Esta contestação se faz necessária nos dias de hoje. Não só em relação ao mundo político, econômico e social, mas também é uma contestação no seio da Igreja, banhada de religiosidade mágica, utilitária e pueril. Caso contrário, a Igreja que se via como contestante passará rapidamente a mais uma vez ser contestada. E, novamente, o Espírito se levantará e tomará o profeta a fim de que seu remanescente seja mais uma vez preservado.

Termino deixando as palavras de Patrick Jacquemont:

“Igreja contestadora, onde estás? Os homens de hoje, em suas buscas e em suas recusas, precisam de tua contestação. Não te deixes intimidar pelas críticas que eles te fazem, porque elas exprimem uma questão que eles te apresentam. Não despreza tua esperança, seja por uma demagogia que o evita. Permite-nos também, teus filhos, te interpelar. Porque, se nós ousamos te contestar, nós que te amamos, é porque,

*vivendo entre os homens, participando de seus problemas, nós desejaríamos poder ser contigo, Igreja de Jesus Cristo, aqueles que, confessando e contestando, os convidam a avançar em direção ao futuro, que é a Porta de Deus, em direção ao Homem, que é Filho de Deus”.*⁹ ■

9 Jacquemont, Patrick. *A Igreja do Futuro*. Ed Vozes

O SIGNIFICADO ATUAL DA REFORMA NA IGREJA LUTERANA DA ALEMANHA: O OLHAR DE UM BRASILEIRO

Visitei uma cidade a 22 quilômetros de Öhringer* chamada Schwäbisch Hall. Um guia me mostrou o local. Porém, o ápice estava por vir. Depois do jantar, assisti a uma peça de teatro que contava a história de João Brenz, o reformador mais importante do sul da Alemanha. Era possível perceber o orgulho que a cidade tinha em ter tido João Brenz como cidadão e pastor. Fiquei admirado com o fato de uma cidade tematizar oficialmente a vida de um cristão. No entanto, o legado da Reforma não se deteve somente ao acontecimento histórico em si. A Reforma Protestante influencia ainda hoje a Igreja da Alemanha. Duas áreas parecem-me ser importantes. A primeira chamo de revolução racional e a segunda, de ecumenismo.

A revolução racional se deu a partir da dependência emocional que a Igreja Católica criava para com seus membros. Hoje, os membros não são movidos pelo medo do inferno ou do purgatório. No lugar dessa dependência emocional entrou o discernimento cristão de que Deus é misericordioso e que somos santos perante Deus, não por mérito, mas pela graça d'Ele. Além disso, contam a revolução racional e também o entendimento. A missa antigamente era feita em latim.

Lutero inseriu a missa em alemão, tornando-a compreensiva ao povo simples. Porém, o vocabulário de Lutero se tornou complexo para a sociedade contemporânea. Por isso, não faz muito tempo, uma editora lançou uma série de livros com o objetivo de oferecer uma linguagem mais simples, a fim de tornar as liturgias compreensíveis para todos. Outra vertente dessa revolução é o desenvolvimento da pregação. A pregação contemporânea leva em conta o sacerdó-

A Reforma Protestante influencia ainda hoje a Igreja da Alemanha. Duas áreas parecem-me ser importantes. A primeira chamo de revolução racional e a segunda, de ecumenismo.

REV. DIORACI VIEIRA MACHADO FILHO É casado com a musicista Johanna, pai de dois filhos e pastor da Igreja Luterana de Öhringer.

* ÖHRINGER É UMA CIDADE ALEMÃ LOCALIZADA NO ESTADO DE BADEN-WÜRTTEMBERG, SITUADA NA PORÇÃO SUDOESTE DO PAÍS

JOÃO BRENZ
(foto à direita)
Teólogo e reformador alemão. Sob a influência de Lutero, reorganizou a Igreja

cio universal: todo cristão tem responsabilidade com o Evangelho. Isto posto, todo cristão está apto a entender a palavra de Deus através do Espírito Santo. Isso implica o jeito de lidar com o ouvinte na pregação. A pregação contemporânea busca levantar perguntas e estimular a discussão, mais do que firmar verdades indiscutíveis. Além disso, considero também o ecumenismo como legado da Reforma Protestante.

No que diz respeito ao ecumenismo, ele não oriunda da Reforma. Ao contrário. Na época de Lutero não existia a palavra ecumenismo. Porém, é preciso lembrar que Lutero no início não pensava em algum tipo de separação da Igreja Católica. Mais ainda, ele tinha a esperança de que o papa mudaria de ideia ao entender o seu ponto de vista. A princípio foi isso que Lutero quis ao pregar suas 95 Teses na porta da Catedral de Wittenberg. Ele queria promover a discussão teológica e reformar a Igreja por dentro. Por fim, Lutero conseguiu reformar sua ex-Igreja também. A Igreja Católica encontra-se bem mais parecida com a Igreja Luterana Alemã hoje do que no passado. Muitos casamentos ecumênicos são feitos por ano. Mas isso não basta! Na Igreja



de Öhringen, a qual pastoreio, existe uma vez por ano uma troca de púlpitos. Enquanto o padre prega na Igreja Luterana, o pastor fica encarregado do sermão na Igreja Católica. Na questão do batismo, não convém ao pastor ou padre rebatizar. O batismo de uma Igreja é válido na outra, e vice-versa. Até mesmo o atual papa dá ênfase grande à teologia da cruz, teologia mais difundida na Igreja evangélica. Mas, para concluir o pensamento do ecumenismo como herança da Reforma, gostaria de compartilhar um fato. Sem citar o nome, um padre me convidou para participar da missa da Quinta-Feira Santa. Nesse dia importante do ano litúrgico católico foi feita uma cerimônia do lava-pés. Apesar da experiência diferente de ter os meus pés lavados, tudo ca-

minhava como combinado, até o momento quando o padre começou a celebrar a Santa Ceia. Ele me convidou para comer do pão e beber do vinho. Fiquei admirado com a abertura desse padre, mesmo não sendo oficialmente por Roma liberada a participação de evangélicos na Santa Ceia. Para mim, a Reforma não só influencia a Igreja Luterana, mas também a Católica, dando origem e ampliando a prática ecumênica.

Seja qual for o futuro da Igreja Luterana, Católica Romana ou Presbiteriana Independente do Brasil, Deus está no controle. Nem Lutero, nem João Brenz, nem outros reformadores sabiam dos efeitos que a Reforma traria em 500 anos. Uma coisa, os reformadores sabiam: "A Igreja deve estar sempre se reformando". ■

Seja qual for o futuro da Igreja Luterana, Católica Romana ou Presbiteriana Independente do Brasil, Deus está no controle. Nem Lutero, nem João Brenz, nem outros reformadores sabiam dos efeitos que a Reforma traria em 500 anos. Uma coisa os reformadores sabiam: "A Igreja deve estar sempre se reformando".

A REFORMA E A ÉTICA SEGUNDO MAX WEBER

Uma das grandes contribuições da Reforma Protestante foi o desenvolvimento da ética fundamentada na racionalidade. O sociólogo Max Weber (1864-1920) seguiu as pegadas desse longo processo de desenvolvimento do pensamento ético do Ocidente. Para ele duas razões foram fundamentais para converter o calvinismo numa religião ética e, por consequência, portadora das sementes do desencantamento do mundo. Neste caso, o termo desencantamento não deve ser interpretado como “desilusão”, e sim como “desmagificação” da realidade. Weber aponta como decisivos para o desencantamento o afastamento da magia e a crença no Deus transcendente. Isto está presente no conhecido trecho da *Ética Protestante*, no qual Weber afirma:

“Aquele grande progresso histórico-religioso da eliminação da magia do mundo, que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, repudiou todos os meios mágicos de salvação, como superstição e pecado, chega aqui [no calvinismo] à sua conclusão lógica” (1987, 72).

O termo desencantamento não deve ser interpretado como “desilusão”, e sim como “desmagificação” da realidade. Weber aponta como decisivos para o desencantamento o afastamento da magia e a crença no Deus transcendente.

PROFETA ISAÍAS (à direita)

Afresco de Michelangelo (1475-1564) na Capela Sistina, concebido entre 1508 e 1512

MAX WEBER (abaixo) Retrato do sociólogo alemão



REV. DR. VALDINEI APARECIDO FERREIRA

Casado com Mary, pai de Pedro e Leonardo. Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo e professor da Faculdade de Teologia da IPI do Brasil. Autor do livro *Protestantismo e Modernidade no Brasil: da Utopia à Nostalgia*, dentre outros.



Max Weber, ainda na *Ética Protestante*, faz mais algumas importantes observações sobre o assunto. Diz, por exemplo, que “os católicos não levaram tão longe quanto os puritanos (e antes deles os judeus) a racionalização do mundo, a eliminação da mágica como meio de salvação” (Idem, p.81). Por consequência, os católicos continuaram presos ao que Weber chama de um ciclo essencialmente humano de pecado, arrependimento, reparação, relaxamento, seguidos de novo pecado (Idem, p.82). Diferentemente, por exemplo, o metodismo buscará a perfeição, ou seja, uma vida sem pecado. O ideal de vida cristã que domina o puritanismo não é cíclico, mas linear. O alvo do puritano é “progredir” na graça de Deus. Disso decorre o hábito de controlar em um diário os progressos obtidos na vida espiritual. Weber, ainda na *Ética Protestante*, conclui que “a eliminação da magia do mundo não permitiu nenhum outro curso psicológico que não a prática do ascetismo laico” (Idem, p.106).

O PECADO ORIGINAL.

Pintura de Peter Paul Rubens (1577-1640) e Jan Brueghel the Elder (1568-1625). Concluída em 1617, faz parte do acervo permanente do Museu Mauritshuis, nos Países Baixos. A cena refere-se ao texto registrado em Gênesis 2,8-14



Na *Ética Econômica das Religiões Mundiais*, Weber continua refletindo sobre a relação entre a crença em um Deus transcendente e o desenvolvimento de uma religião ética. Isto é feito por meio do contraste entre a profecia emissária e a profecia exemplar. Profecia emissária e profecia exemplar são dois polos de uma religião de resistência ao mundo. Na profecia emissária, os fiéis consideram-se como instrumentos de Deus; na profecia

exemplar, eles consideram-se como vasos do divino. A primeira enfatiza a ação, e a segunda, a contemplação. Weber aponta que a atitude típica da profecia emissária dominou as religiões iranianas e do Oriente e as religiões ocidentais derivadas delas (Weber, 1982a: p.329). Para a compreensão que buscamos do processo de desenvolvimento da ética racional a partir da Reforma, é importante assinalar a relação que Max Weber estabelece entre

Na profecia emissária, os fiéis consideram-se como instrumentos de Deus; na profecia exemplar, consideram-se como vasos do divino.



a conduta ascética, exigida pela profecia emissária, e a transcendência de Deus. Diz ele: *“Essa profecia emissária teve uma profunda afinidade eletiva com um conceito especial de Deus: o conceito de um Senhor da Criação supramundano, pessoal, irado, misericordioso, amante, exigente, punitivo”* (Idem, *ibid*). Trata-se do Deus do Calvinismo. Os seres humanos encontram-se separados de Deus por um “golfo intransponível” (Weber, 1987: p.71). Nenhum tipo de ritual pode modificar os desígnios de Deus. Resta ao fiel viver a ética dos eleitos e descansar em Deus a respeito da salvação. Desta forma, conclui Weber: *“Quando os virtuosos religiosos combinaram-se numa seita ascética ativa, dois objetivos foram*

totalmente alcançados: o desencantamento do mundo e o bloqueio do caminho da salvação através da fuga do mundo. O caminho da salvação é desviado da ‘fuga contemplativa do mundo’, dirigindo-se, ao invés disso, para um ‘trabalho neste mundo’, ativo e ascético (Weber, 1982a: p.334).

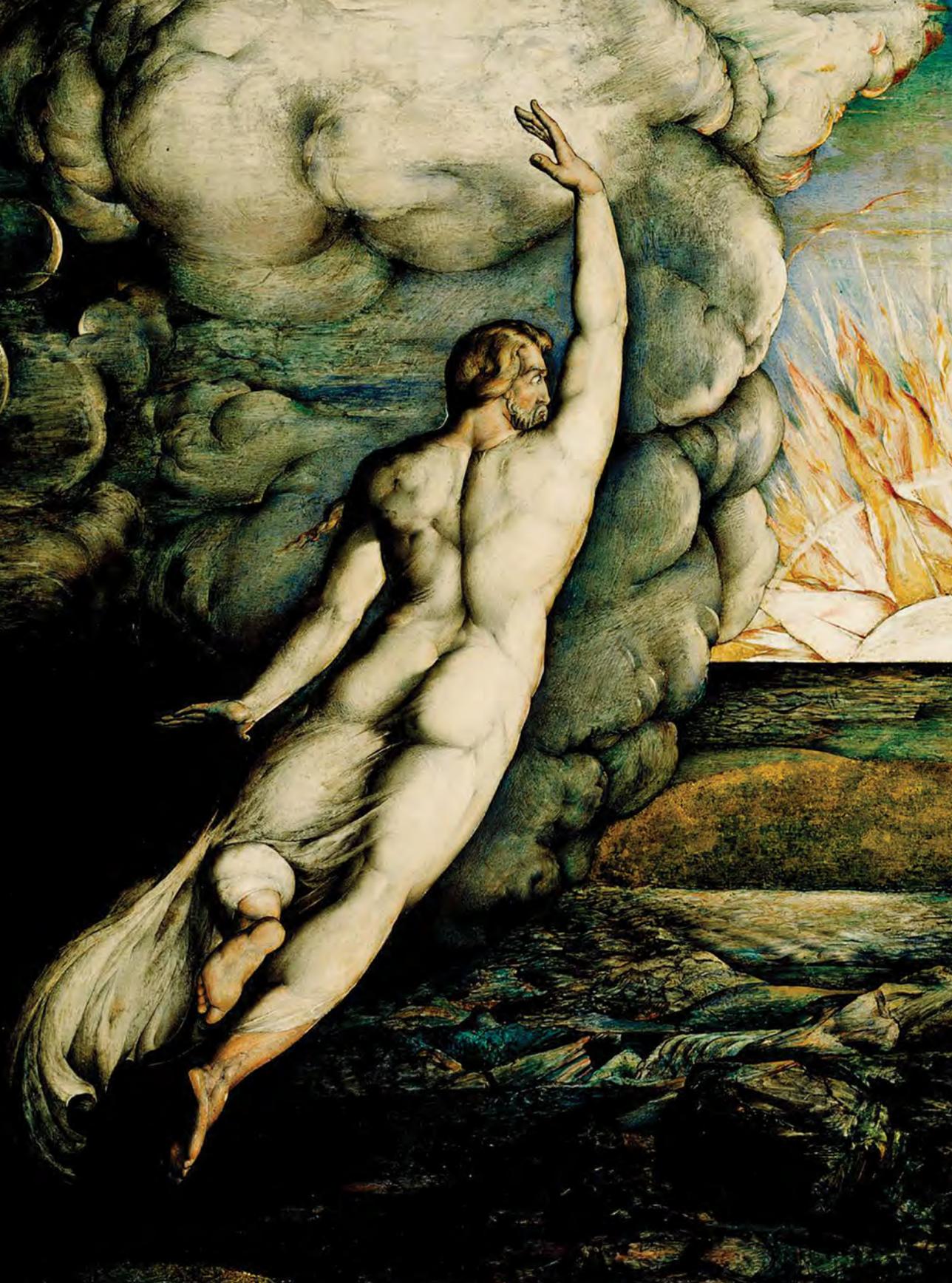
Weber, porém, antes desta afirmação, assinalou que duas coisas foram necessárias para que isso pudesse acontecer numa determinada religião. Primeira, o valor supremo e sagrado não devia ser de natureza contemplativa. Segunda, essa religião deve ter desistido, na medida do possível, do caráter mágico (Idem, *ibid*). O protestantismo, especialmente na versão Calvinista, preencheu adequadamente

Os seres humanos encontram-se separados de Deus por um “golfo intransponível”. Nenhum tipo de ritual pode modificar os desígnios de Deus.

A CRIAÇÃO DA LUZ (*à direita*)
Pintura de George Richmond (1809-1896).
Parte do acervo do Tate Gallery, Londres

MAX WEBER E ERNST TOLLER (*abaixo*)
Foto de 1917, de domínio público





essas condições para que o desencantamento (desmagificação) do mundo ocorresse a partir de seu interior.

Weber mostrou-se interessado em elucidar a origem do moderno racionalismo — o que foi feito através do exame do ascetismo intramundano presente na ética calvinista —, porém, procurou destacar também os elementos irracionais presentes na conduta racional fomentada pelo ascetismo. Desta forma chegamos ao tema da perda de sentido, presente na obra weberiana. Na *Ética Protestante*, Weber afirma, logo após fazer a advertência que a vida pode ser racionalizada de pontos de vista diferentes e em direções muito diferentes, estar *“particularmente interessado no elemento irracional que precisamente se ausenta nesta, como em toda concepção de vocação”* (1987: p.51). O paradoxo destacado por Weber reside no fato de que, embora a religião busque atribuir um sentido para o mundo, seu ponto de partida é essencialmente irracional, e seu ponto de chegada pode ser também irracional. J. Habermas observa que Weber compreendeu a conduta ascética intramundana como um comportamento orientado pela ação racional, visando aos fins, mas sustentado pela ação com relação a valores (op. cit.: p.263). Dito de outra forma, o puritano adota uma conduta metódica porque acredita ser essa a vontade de Deus para sua vida. Portanto, o seu ponto de partida é por excelência irracional, aliás, como Weber

afirma claramente: *“As várias grandes formas de levar uma vida racional e metódica foram caracterizadas pelas pressuposições irracionais, simplesmente aceitas como ‘dadas’, e que foram incorporadas a esses modos de vida”* (1982a: p.325). Na *Ética Protestante*, Weber assinalara, de passagem, que o calvinista submetia-se a um destino cujo sentido lhe escapava, uma vez que os desígnios de Deus são compreendidos por suas criaturas sempre de forma fragmentada. Porém, em seu último texto — *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções* —, Weber afirma claramente que a teodiceia calvinista desemboca numa renúncia da busca pelo significado do mundo: *“A crença na predestinação realiza essa renúncia, de fato e com plena coerência. A reconhecida incapacidade de o homem escrutinar os caminhos de Deus significa que ele renuncia numa clareza sem amor à acessibilidade do homem a qualquer significado do mundo”* (1982b: p.409-10). Ao desvendar a origem da racionalidade ética moderna, Weber encontrou também a origem do irracionalismo moderno.

No último capítulo da *Ética Protestante*, Weber afirmou que *“o puritano queria tornar-se um profissional [berufsmench] e todos tiveram de segui-lo”* (op.cit.: p.130). Nessa etapa a ação racional desprende-se de seu fundamento com relação a valores e passa a seguir uma lógica própria (Op. cit.: p.305). Weber descreve esse processo da

seguinte forma:

“Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na história. Hoje em dia — ou definitivamente, quem sabe — seu espírito religioso safou-se da prisão. O capitalismo vencedor, apoiado numa base mecânica, não carece mais de seu abrigo. Também o róseo caráter de

A VIDEIRA VERDADEIRA (à direita)

Pintura grega ortodoxa de autor desconhecido, datada do século XVI. Retrata o texto registrado no Evangelho de João, capítulo 15

Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na história.

A IDOLATRIA DO REI SALOMÃO (páginas seguintes) Pintura de Jacob Hogers (1614-1660)

ΠΑΤΗΡ

ΥΙΟΣ



ΟΥΔΑΜΙΣ
 ΑΠΕΛΟΟΙ
 ΑΠΕΝΟΥ
 ΤΕΟΡΕΟΙ
 ΑΥ ΠΑΚΑ

ΜΑΘΗΤΟΥ
 ΜΑΘΗΤΟΥ
 ΠΟΥ ΑΠΕΡ
 ΤΟ ΚΑΡΤΕ
 ΕΥΧΟΙΣΕΡ
 ΚΑΘΑΡΩΣ





sua risonha sucessora: a Aufklärung [esclarecimento/iluminismo] parece estar desvanecendo irremediavelmente, enquanto a crença religiosa no 'dever vocacional', como um fantasma, ronda em torno de nossa vida. Onde a 'plenitude vocacional' não pode ser relacionada diretamente aos mais elevados valores culturais — ou onde, ao contrário, ela também deve ser sentida como uma pressão econômica — o indivíduo renuncia a toda tentativa de justificá-la. No setor de seu mais alto desenvolvimento, nos Estados Unidos, a procura da riqueza, despida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que frequentemente lhe dão o caráter de esporte. (1987: p.131).

O desencantamento (desmagificação) do mundo produz a separação entre as diferentes esferas da vida. A esfera econômica ganha uma legalidade própria que não mais depende da legiti-

mação religiosa. O mesmo processo ocorre com as demais esferas — artes, ciência, política, erótica, estética e intelectual —, pois cada uma ganha a sua legalidade própria, passando a orientar-se por princípios que são autorreferenciados.

Weber nos diz que, desde os primórdios de seu aparecimento, o racionalismo protestante já revelara as suas faces de Jano, a saber, de um lado, a renúncia ao mundo, e, de outro, o domínio do mundo (1982b: p.375). Trata-se da combinação puritana entre a restrição ao consumo e a liberação para o acúmulo racional da riqueza. Esta nova atitude contribuiu para a formação da moderna ordem econômica, que, segundo Weber, *"atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema"* e, ao que parece, *"determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta"* (1987: p.131). ■

BIBLIOGRAFIA

HABERMAS, Jürgen. Teoria de la Accion Comunicativa. Madrid, Taurus, 1987.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 5ª ed. São Paulo, Pioneira. 1987.

WEBER, Max. A Ética Econômica das Religiões Mundiais. In: Ensaios de Sociologia. 5ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982a

WEBER, Max. Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções. in: Ensaios de Sociologia. 5ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982b.

WEBER, Max. Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias-religiosas). in: Economia e Sociedade. Brasília, UNB, 1991

O desencantamento (desmagificação) do mundo produz a separação entre as diferentes esferas da vida. A esfera econômica ganha uma legalidade própria que não mais depende da legitimação religiosa.



CORAÇÃO, CIDADE E PLANETA
ESPAÇO ABERTO PARA O DIÁLOGO
ENTRE TEOLOGIA E CIÊNCIAS



Fundação
Mary Harriet Speers
Multiplicando recursos para transformar vidas.

500 ANOS DA REFORMA

PERSPECTIVAS



Tema: O IMPACTO DA REFORMA NA CULTURA

Dr. Eduardo Oscar Chaves

Doutor em Filosofia (Ph.D.) pela University of Pittsburgh (1972). Foi Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, onde trabalhou de 1974 a 2006. Atualmente é professor na FATIPI.

[Acesse o conteúdo dessa palestra](#)



Tema: A REFORMA E A BÍBLIA

Dr. Erni Seibert

Doutor em Ciências da Religião e atualmente é secretário de Comunicação, Ação Social e Arrecadação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), onde também responde como diretor do Museu da Bíblia de São Paulo e do Centro Cultural da Bíblia no Rio de Janeiro.

[Acesse o conteúdo dessa palestra](#)



Tema: A REFORMA E AS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS

Dr. Ricardo Bitun

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é adjunto da Universidade Presbiteriana Mackenzie e coordenador do curso de pós-graduação do Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

[Acesse o conteúdo dessa palestra](#)





FACULDADE DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO

CORPO DOCENTE FORMADO POR MESTRES E DOUTORES

FAZER TEOLÓGICO VOLTADO PARA SERVIR A IGREJA

ÊNFASE NA FORMAÇÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA



GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

- ✓ Bacharelado em três anos
- ✓ Curso reconhecido pelo Mec

PÓS GRADUAÇÃO

- ✓ Cuidado e aconselhamento pastoral
- ✓ Missão Urbana: igreja, cidade e evangelho

CURSOS DE EXTENSÃO EAD

- ✓ Diaconia
- ✓ Espiritualidade
- ✓ Jesus e os Evangelhos
- ✓ Parábolas de Jesus
- ✓ Igreja em Células (em breve)

www.fatipi.edu.br | Rua Genebra, 180 - São Paulo - SP | (11) 3111-7300